ANIVERSÁRIO
62 ANOS DE BRASÍLIA

CATÁLOGO | ABRIL DE 2022

SECRETARIA DE CULTURA
E ECONOMIA CRIATIVA DO
DISTRITO FEDERAL

Sorria, Brasília

Governador
Ibaneis Rocha

Secretário de Cultura e Economia Criativa
Bartolomeu Rodrigues

Secretário-executivo
Carlos Alberto Júnior

Subsecretaria de Administração Geral
Tiago Gonçalves

Subsecretaria de Difusão e Diversidade Cultural
Sol Montes

Subsecretaria de Economia Criativa
Érica Lewis

Subsecretaria de Fomento e Incentivo à Cultura
João Moro

Subsecretaria do Patrimônio Cultural
Aquiles Brayner

Assessoria de Comunicação
Sérgio Maggio

SUMÁRIO

07 APRESENTAÇÃO

13 OS PREPARATIVOS

71 A FESTA

04 Com a palavra, o secretário.
08 “Sorria, Brasília” brinda 62 anos da capital
14 Orquestra celebra aniversário em Samambaia
16 Memorial faz festa para os povos indígenas
22 Biblioteca Nacional põe poema em cartaz
24 Exposição abre a arca da Via Sacra
28 Catetinho reabre nos 62 anos de Brasília
32 Memória dos candangos volta ao Museu Vivo
36 Melhores do Mundo comemoram 27 anos
40 Espaço Cultural Renato Russo reabre Gibiteca
44 Mostra comemora 62 anos do Cine Brasília
48 MAB vira o xodó de Brasília
52 Eixo Cultural Ibero-americano celebra a cidade
54 Medalha reconhece personalidades culturais
64 Croquis de Niemeyer ganham exposição
68 Pedra Fundamental é restaurada pela Cultura
72 “Sorria, Brasília” abre doce e poética
76 “Sorria, Brasília” festeja a capital
88 Eixo Cultural agita o “Sorria, Brasília”
100 “Sorria, Brasília” acende a memória cultural
106 “Sorria, Brasília” descentraliza a arte no DF
114 “Sorria, Brasília” reúne 30 mil pessoas

COM A PALAVRA, O SECRETÁRIO.

BARTOLOMEU RODRIGUES

Secretário de Estado de Cultura e Economia Criativa do DF

Quando recebi a notícia de que a taxa de transmissão do vírus da covid-19 havia caído e a curva de vacinação atingira um índice confiável no Distrito Federal, imaginei de imediato a frase: “Sorria, Brasília”.

A cidade e a sua população, finalmente, voltariam a se abraçar nas ruas, nas praças e nas casas de espetáculos, mostrando abertamente seus sorrisos, antes escondidos sob as máscaras de proteção. Era o retorno ao presencial depois de dois anos de festas públicas suspensas e de assombros sobre nossas vidas.

Foi com essa imagem de felicidade à cabeça que resolvemos batizar o aniversário de 62 anos da capital de “Sorria, Brasília”. A ideia era a de envolver o Distrito Federal pela cultura em suas mais diversas linguagens. Afinal, fomos a unidade da Federação que mais investiu em cultura no ano de 2021, atingindo a marca histórica de R$ 152 milhões por meio do Fundo de Apoio à Cultura (FAC).

Por onde se anda em Brasília, há um projeto de cultura executado com fomento do GDF, movimentando a cadeia da economia criativa, gerando renda para milhares de artistas e técnicos e transformando vidas da população que consume arte. Cumprimos, assim, com orgulho, a nossa Constituição!

O “Sorria, Brasília” surgiu criando pontes. De Ceilândia ao Plano Piloto. De Planaltina a Samambaia, numa festa que se sustentou em valores caros para a nossa política cultural, como a descentralização, a democratização e o acesso cultural.

Resolvemos, então, abrir as portas de 17 dos nossos equipamentos culturais e oferecer um leque de atividades culturais que permitisse ao cidadão usufruir e se transformar pela experiência artística.

Devolvemos à cidade-monumental dos patrimônios culturais o Museu do Catetinho, que voltou restaurado depois de dois anos de fechamento; a Gibiteca TT Catalão, fechada desde 2014; e a Pedra Fundamental de Brasília restaurada, um marco histórico que completará 100 anos em 7 de setembro, quando vamos abrir uma possível cápsula do tempo.

No gramado do Eixo Cultural Ibero-americano, chamamos as famílias e os amigos para se reencontrarem com a música das orquestras (a nossa Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro e as populares), enquanto o palco da Concha Acústica se encheu de cinema e rock.

Foram tantos momentos marcantes nesse “Sorria, Brasília” que considero esse aniversário de 62 anos histórico e inesquecível, com mais de 30 mil pessoas felizes circulando pelos equipamentos da Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

"O 'Sorria, Brasília' surgiu criando pontes. De Ceilândia ao Plano Piloto. De Planaltina a Samambaia, numa festa que se sustentou em valores caros para a nossa política cultural, como a descentralização, a democratização e o acesso cultural."

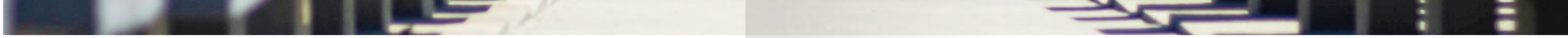
Bartolomeu Rodrigues,
Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

Apresentação

"SORRIA, BRASÍLIA" BRINDA 62 ANOS DA CAPITAL

Texto Sérgio Maggio / Edição: Sâmea Andrade
Fotos: Júnior Aragão, Marina Gadelha e Nityama Macrini

Com 17 equipamentos culturais interligados por um leque simultâneo de atividades artísticas, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) brinda os 62 anos de Brasília, depois de dois anos de interrupção de comemorações presenciais por conta da covid-19.



Batizado de “Sorria, Brasília”, o projeto comemorativo envolve amplo calendário de ações entre os dias 19 a 24 de abril. De shows a mostras de cinema; de exposições a feiras de economia criativa; de espetáculos populares a apresentações de orquestras, como a Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro (OSTNCS).

As atrações ocupam as Regiões Administrativas do Plano Piloto, Ceilândia, Samambaia, Núcleo Bandeirante, Gama e Planaltina, territórios onde ficam os equipamentos da pasta. A OSTNCS, por exemplo, vai circular entre abril e maio no projeto “Clássicos nas Cidades”, que estará nos Complexos Culturais de Samambaia, Planaltina e Casa do Cantador.

“Essa volta às comemorações presenciais é um apontamento de esperança para que a sociedade restabeleça o convívio seguro com as celebrações públicas. Optamos por modelo mais intimista, com a maioria das atividades dentro dos equipamentos culturais e um convívio externo sem grandes aglomerações”, destaca o secretário Bartolomeu Rodrigues.

Com investimento da ordem de R$ 700 mil, as atividades propostas quebram com a lógica de uma festividade só com o foco no entretenimento e exaltam a preocupação do GDF com a memória cultural por meio de exposições que colocam em dinâmica aspectos históricos, a exemplo da reabertura da mostra “Poeira, Lona e Concreto”, totalmente restaurada e higienizada, que retrata os primeiros tempos da construção da cidade, no Museu Vivo da Memória Candanga; e de desenhos inéditos de Oscar Niemeyer, no Espaço homônimo, além da valorização da história da Via Sacra de Planaltina no Complexo Cultural da RA.

Outro destaque é a ocupação externa do Eixo Cultural Ibero-americano, antigo espaço Funarte de Brasília, que terá uma programação de 21 a 24/04 voltada ao encontro das famílias e de amigos em torno do seu vasto gramado e galerias com piquenique, Festival de Orquestras Populares, Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro, shows e desenhaço. Essa programação reforça o ano “Brasília Capital Ibero-americana das Culturas”, título mundial outorgado em 2022 à cidade.

As ações também são intensas na Concha Acústica, com shows e mostra de cinema, no Museu de Arte de Brasília (MAB), no Memorial dos Povos Indígenas, com festividade no dia do índio. O Cine Brasília, que também comemora aniversário de 62 anos em 22 de abril, segue programação especial e aberta ao público com seleção de filmes emblemáticos e espetáculo comemorativo da Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo.

"Com os museus e centros culturais de portas abertas com entrada franca, o GDF celebra democraticamente nosso conjunto de patrimônios culturais preservados e em pleno funcionamento”

Bartolomeu Rodrigues, Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

EDITAIS DE ABRIL

O primeiro bloco de editais do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) vai garantir R$ 36 milhões para, ao menos, 300 projetos de 22 linguagens artísticas. Traz como ênfase o segmento Meu Primeiro FAC para agentes nunca contemplados e entidades carnavalescas. O edital será publicado juntamente com dois chamamentos públicos para ações em arte urbana. O primeiro certame é para pintar as 28 paradas da W3 Norte, com cota para equidade de gênero e artista com deficiência. Serão selecionados 28 artistas com cachê de R$ 3 mil. O outro chamamento é para selecionar coletivo para intervenção artística no muro principal do Complexo Cultural Samambaia. Juntos, têm aporte de quase R$ 100 mil.

VIA SACRA RETOMADA

Às vésperas da semana do aniversário de Brasília, dia 15/04, às 15h, a Via Sacra ao Vivo de Planaltina volta a ocupar o Morro da Capelinha com a encenação dos julgamentos e crucificação de Jesus Cristo. O fomento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa na ordem de R$ 800 mil garante o evento que completa 50 anos em 2023.

Após a interrupção de dois anos por conta da pandemia da covid-19, a “Paixão de Cristo no Morro da Capelinha” ocorre em formato híbrido, com transmissão ao vivo pelo YouTube do Grupo Via Sacra. No local, haverá um telão Led de 10 por 6 metros, que vai passar a teatralização do Domingo de Ramos e Santa Ceia, a partir das 13h. A organização aguarda 100 mil pessoas ao longo do dia e de cinco mil acompanhando o espetáculo de forma remota.

São 15 estações de cena e o momento mais esperado é o da ressurreição, quando por meio de efeitos especiais, o ator que representa Cristo parece flutuar no ar. A organização reúne 1,4 mil participantes entre elenco principal e figurantes voluntários. Fechando o espetáculo, um show pirotécnico ao som do “Aleluia”, de Handel.

“Será um momento de exaltação à fé e de renovar esperança na volta à normalidade. Nossas tradições religiosas e culturais permaneceram inabaláveis e agora voltam com toda a energia, criando um clima de grande expectativa no segmento da economia criativa”, destaca o secretário Bartolomeu Rodrigues.

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

Sorria, Brasília

19/04

Museu da Cidade: 9h às 18h – Exposição permanente.

Espaço Lúcio Costa: 9h às 18h – Exposição permanente.

Museu Nacional da República: 9h às 18h30 – Exposição “Xingu 57” e “Envenenada: profanações e polimorfismo tonais”.

Panteão da Pátria: 9h às 18h – Exposição permanente.

Memorial dos Povos Indígenas: 10h – Festividade do Dia do índio com canto da etnia tupinambá “Oração para a Lua”, com a cantora Nívia Tupinambá. Exposição “Artes para Descobrir as Culturas” Indígenas. Feira étnica.

Biblioteca Nacional de Brasília: 11h – Poema em Cartaz.

Complexo Cultural Samambaia: 20h – Concertos nas Cidades com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro no projeto “Clássicos nas Cidades”.

20/04

Museu da Cidade: 9h às 18h – Exposição permanente.

Espaço Lúcio Costa: 9h às 18h – Exposição permanente.

Museu Nacional da República: 9h às 18h30 – Exposição “Xingu 57” e “Envenenada: profanações e polimorfismo tonais”.

Panteão da Pátria: 9h às 18h – Exposição permanente.

Biblioteca Nacional de Brasília: 9h às 20h – Poema em Cartaz.

Memorial dos Povos Indígenas: 10h – Exposição “Artes para Descobrir as Culturas”. Feira étnica.

Museu Vivo da Memória Candanga: 15h – Reabertura da exposição “Poeira Lona e Concreto”.

Museu de Arte da Brasília: 9h – Feiras étnicas, exposições.

Complexo Cultural de Planaltina: 20h – Abertura da Exposição “Via Sacra ao Vivo de Planaltina – Rumo aos 50 anos”.

21/04

Museu do Catetinho: 9h – Reabertura do espaço cultural revitalizado e cerimônia de entrega da Medalha “Seu Teodoro”, com quarteto da OSTNCS.

Eixo Cultural Ibero-americano
10h às 18h – Piquenique no gramado.
10h às 17h – Mostra “O Mito de Brasília”, gravuras de Pedro Garcia.
10h às 12h – Contação de histórias.
13h30 às 15h30 – Coisa Nossa
14h às 20h – Feira Colaborativa.
16h às 17h – Ellen Oléria.
18h às 20h – OSTNCS.
20h às 20h30 – Ballet dança by Juan Carlos Vega.

Biblioteca Nacional de Brasília: 8h às 14h – Poema em Cartaz.

Museu da Cidade: 9h às 17h – Exposição permanente.

Espaço Lúcio Costa: 9h às 17h – Exposição permanente.

Museu Nacional da República: 9h às 18h30 – Exposição “Xingu 57” e “Envenenada: profanações e polimorfismo tonais”.

Panteão da Pátria:
9h às 17h – Exposição permanente.
19h às 22h– “Brasília Museu Aberto”.

Museu de Arte da Brasília: 9h – Exposições.

Museu Vivo da Memória Candanga: 9h às 17h – Exposição “Poeira Lona e Concreto”.

Complexo Cultural de Planaltina:
9h às 19h – Exposição “Via Sacra ao Vivo de Planaltina – Rumo aos 50 anos”.

Memorial dos Povos Indígenas: 10h às 17h – Feira étnica com shows de Nubia Batista, Eliaquim Camilo, Natasha Barros e Gilberto Cruz. Exposição “Artes para Descobrir as Culturas”.

Espaço Cultural Renato Russo: 15h – Reabertura da Gibiteca TT Catalão.

Concha Acústica: 17h – Digão (Raimundos).

Cine Brasília: 20h – Especial Os Melhores do Mundo.

22/04

Planaltina: 9h – Troca da Pedra Fundamental.

Eixo Cultural:
10h às 18h – Piquenique no gramado.
10h às 17h – Mostra “O Mito de Brasília”, gravuras de Pedro Garcia.
10h às 12h – Brincadeiras infantis com a Cia. de Teatro Mapati
14h às 20h – Feira Colaborativa.
16h às 17h30 – Banda Imagem
18h às 20h – Orquestra Popular do Recife.
20h às 22h – Orquestra Popular Quadrafônica.

Museu da Cidade:
9h às 17h – Exposição permanente.

Biblioteca Nacional de Brasília:
8h às 20h – Poema em Cartaz.

Espaço Lúcio Costa:
9h às 17h – Exposição permanente.

Museu Nacional da República:
9h às 18h30 – Exposição “Xingu 57” e “Envenenada: profanações e polimorfismo tonais”.

Panteão da Pátria:
9h às 17h – Exposição permanente.

Museu de Arte da Brasília:
9h – Exposições e feiras.

Museu Vivo da Memória Candanga: 9h às 17h – Exposição “Poeira Lona e Concreto”.

Complexo Cultural de Planaltina:
9h às 19h – Exposição “Via Sacra ao Vivo de Planaltina – Rumo aos 50 anos”.

Memorial dos Povos Indígenas:
10h às 17h – Feira étnica com shows de Mirim Ju Yan Guarani, Ian Wapichana, Gilberto Cruz e Oziel João Filho. Exposição “Artes para Descobrir as Culturas Indígenas”.

Cine Brasília:
10h às 22h – Sessões de mostra de filmes emblemáticos.

Espaço Oscar Niemeyer: 17h – Abertura “O Mestre e o Aprendiz”.

Concha Acústica:
18h – “As Duas Faces”
20h – “Protegendo o Inimigo”.

23/04

Eixo Cultural Ibero-americano:
10h às 18h – Piquenique no gramado.
10h às 17h – Mostra “O Mito de Brasília”, gravuras de Pedro Garcia.
10h às 12h – Palhacaria com os Irmãos Saúde.
14h às 16h – Desenhaço.
14h às 20h – Feira Colaborativa.
18h às 20h – Orquestra Popular Salve Glória.
20h às 22h – Orquestra Popular Rockfônica.

Museu da Cidade:
9h às 17h – Exposição permanente.

Espaço Lúcio Costa:
9h às 17h – Exposição permanente.

Museu Nacional da República:
9h às 18h30 – Exposição “Xingu 57” e “Envenenada: profanações e polimorfismo tonais”.

Panteão da Pátria:
9h às 17h – Exposição permanente.

Museu de Arte da Brasília:
9h – Exposições e feiras.

Museu Vivo da Memória Candanga:
9h às 17h – Exposição “Poeira Lona e Concreto”.

Complexo Cultural de Planaltina:
9h às 19h – Exposição “Via Sacra ao Vivo de Planaltina – Rumo aos 50 anos”.

Memorial dos Povos Indígenas:
10h às 17h – Feira étnica com shows de Kumuu Dan Wapichana, Heloísa Cruz de Araújo, Nívia Costa e Kessia Daline. Exposição “Artes para Descobrir as Culturas Indígenas.

Biblioteca Nacional de Brasília:
8h às 14h – Poema em Cartaz.
11h – Contação de histórias no Espaço Infantil, inauguração do grafite “Livro da Rua”.

Concha Acústica:
18h – “Trolls”
20h – “Saída de Mestre”.
Casa do Cantador
19h – Festival “Circularte”

24/04

Eixo Cultural Ibero-americano:
10h às 18h – Piquenique no gramado.
10h às 17h – Mostra “O Mito de Brasília”, gravuras de Pedro Garcia.
14h às 20h – Feira Colaborativa.
17h às 18h – Banda Terminal Zero
18h às 20h – Orquestra Alada Trovão da Mata.
20h às 22h – Orquestra Marefreboi.

Biblioteca Nacional de Brasília:
8h às 14h – Poema em Cartaz.

Museu da Cidade:
9h às 17h – Exposição permanente.

Espaço Lúcio Costa:
9h às 17h – Exposição permanente.

Museu Nacional da República:
9h às 18h30 – Exposição “Xingu 57” e “Envenenada: profanações e polimorfismo tonais”.

Panteão da Pátria:
9h às 17h – Exposição permanente.

Museu de Arte da Brasília:
9h – Exposições e feiras.

Museu Vivo da Memória Candanga:
9h às 17h – Exposição “Poeira Lona e Concreto”.

Complexo Cultural de Planaltina:
9h às 19h – Exposição “Via Sacra ao Vivo de Planaltina – Rumo aos 50 anos”.

Memorial dos Povos Indígenas:
10h às 17h – Feira étnica com shows de Waurá, Ybá Sanenawa, Fernando Gomes e Javier.
Exposição “Artes para Descobrir as Culturas Indígenas”.

Concha Acústica:
18h – “Como Treinar o Dragão”.
20h – “Cinema Paradiso”.

Os Preparativos

ORQUESTRA CELEBRA ANIVERSÁRIO EM SAMAMBAIA

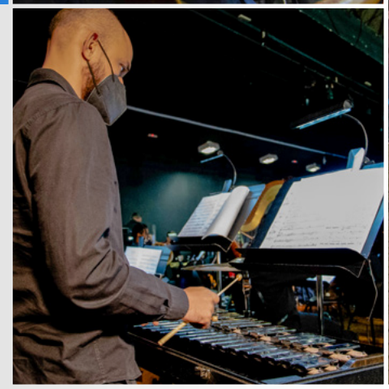
Texto: Ianca Gomes
Edição: Sérgio Maggio
Fotos: Marina Gadelha

A Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro abre as comemorações do aniversário de Brasília com o concerto "Clássico nas Cidades", nesta terça-feira (19.4), às 20h, no Complexo Cultural Samambaia, com entrada franca.

A apresentação integra o projeto "Sorria, Brasília" que brinda os 62 anos da capital, com atividades em 17 equipamentos culturais da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec), de 19 a 24 de abril.

O maestro Cláudio Cohen destaca que o "Clássicos nas Cidades" é um projeto de extrema relevância na medida em que ele proporciona ao público a democratização do acesso à música sinfônica e erudita. "Na performance de excelência da OSTNCS, o repertório contempla obras-primas icônicas deste universo musical com compositores universais, a exemplo de John Williams. A experiência é mágica e imperdível".

No repertório, além de John Williams, "Star Wars Suíte", Antonin Dvorák com "Sinfonia nº 9 em mi menor Op.95" e "Novo Mundo".



"A música clássica tem um papel importante na nossa formação. Um concerto deste é como se estivéssemos abrindo um livro com uma leitura importante, que pode nos transformar. A Orquestra chega para transmitir música, conhecimento, cultura e prazer para nossas almas"

Bartolomeu Rodrigues, Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

PÚBLICO ÁVIDO

A série de "Concertos nas Cidades" começou pelo Complexo Cultural Samambaia (CCS), no último dia 12.4 e segue até 26 de abril. Após Samambaia, o conjunto sinfônico segue para a Casa do Cantador em Ceilândia (3 e 17 de maio); e fecha no Centro Cultural de Planaltina (10 e 31 de maio).

A turnê da OSTNCS pelas Regiões Administrativas foi aberta com muita receptividade do público. Daniely Silva, 27 anos, veio de Boa Vista, Roraima, e compartilha seu encantamento pela orquestra. "Nunca assisti à Orquestra. Frequentava muito na minha cidade, pois tenho paixão pela música clássica, por isso resolvi conhecer", conta.

O casal Maria Beatriz e Adriano Domingues veio motivado pela musicalização infantil e pelo interesse em aprender mais sobre a cultura erudita para passar à filha, Maria Flor, de 4 meses. "Nós não escutávamos muito, mas queremos que ela tenha um bom gosto musical, por isso começamos a apresentar logo a música clássica. Vamos começar a seguir a Orquestra em todos os concertos pelas cidades", completou Maria Beatriz.

MEMORIAL FAZ FESTA PARA OS POVOS INDÍGENAS

Texto Alexandre Freire.
Edição: Sérgio Maggio (Ascom/Secec)
Fotos: Caio Marins e Hugo Lira

O Memorial dos Povos Indígenas (MPI) celebra o mês em que se comemora os direitos e a memória das nações originárias. Nesta terça-feira (19.4), às 10h, haverá uma solenidade marcada pela encenação da "Oração para a Lua", com a cantora Nívia Tupinambá, seguida por workshop de pintura corporal indígena.

A programação culmina no aniversário de Brasília (21.4) com o evento "Feira Colaborativa", em que artistas dos povos originários vão apresentar narrativas orais e escritas, cantos e danças rituais, artesanato e amostras de sua culinária. Em torno dessas atividades, segue em cartaz a exposição "Artes para Descobrir as Culturas Indígenas", com cinco instalações audiovisuais e visitas guiadas.

DIA DE CELEBRAÇÃO

O gerente do MPI, David Terena, que também carrega no sobrenome sua etnia, valoriza a programação de abril. "É com muita alegria que nossa equipe produz essas comemorações de

Et aut rempore vit hitatur estrum quostrumet, idis del maximi consequi.

qualidade". Caminhando pelo MPI, ele aponta as melhorias de acessibilidade, o piso novo, o sistema anti-incêndio. David sonha alto e pensa no MPI com mais estrutura de pesquisa, um centro de referência em história, antropologia, restauração.

No dia 19, às 10h, Nívia Tupinambá, que traz no sobrenome sua etnia, vai dançar o "toré" (significa "sou sagrado") "Oração a Lua", parte de uma cerimônia ritual que celebra a proteção da vida dos indígenas e da natureza por Tupã (sol) e Jaci (lua). "É uma oração de agradecimento e pedidos", explica. Educadora, ela defende a criação de um "Dia Universal da Cultura Indígena", por considerar que o "Dia do Índio", como reza o calendário, mantém uma imagem estereotipada e folclórica dos povos originários. "O índio pode sair da situação de aldeia, ir para a universidade, ir para onde quiser. Não vai deixar de ser índio por isso", argumenta.

Na ocasião, o público é convidado a conhecer as cinco instalações da mostra "Artes para descobrir as culturas indígenas", que estreou no último dia 12.4 e fica em cartaz até a próxima segunda-feira (25.4). Uma delas, "Retratos Invisíveis", exibe vídeo de mulheres dos povos originários imersas em suas comunidades e em interações simbólicas.

Recebendo o casal de irmãos Raíssa e Cauã, ambos de São José dos Campos (SP), em sua primeira viagem a Brasília, a guia Euna Macedo sabe que é descendente dos povos originários e considera "um privilégio, um presente" trabalhar no equipamento da Secec. Ela desconhece a etnia da qual descende e interroga membros da família atrás de pistas. Raíssa se encanta com

"Essa programação no MPI é especialíssima para a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF porque estamos diante de um espaço único e sagrado da nossa formação como brasileiros"

Bartolomeu Rodrigues, Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

a visita guiada: “Achei as roupas dos indígenas mais próximas das nossas, mas os instrumentos deles de caça e os de música são bem diferentes”. “A gente supera a estranheza e aprende sobre nossa história, nosso passado”, comentou Cauã.

Aguardando dois ônibus de estudantes de escola pública, a professora da Secretaria de Educação e participante do projeto Territórios Culturais, Karine Rocha, destaca o papel do MPI na sensibilização para as pautas indígenas. “A grande maioria nunca tinha vindo aqui antes”, afirma. Ela costuma recebê-los na rampa do edifício projetado por Oscar Niemeyer sobre a concepção do antropólogo Darcy Ribeiro, construído em 1987. Com ela, os estudantes aprendem que a rampa de acesso ao espaço evoca um rio com seu desenho sinuoso, que suas luzes intensas ecoam o papel de um memorial, que, diferentemente de museus, trata de questões presentes, e descobrem a riqueza do patrimônio indígena, com sua arte plumária, cestaria, cerâmicas, línguas e ritos.

REPRESENTATIVIDADE

As apresentações na Feira Colaborativa vão avançar para além das tradicionais vendas de artesanato e exposições. Pretendem atualizar a imagem que o público costuma ter dos povos originários. Kamuu Dan Wapichana, que vai contar histórias com performances em danças e cantos rituais, diz que as narrativas indígenas são poucas difundidas: “Estamos contribuindo para que o público em geral conheça a literatura indígena, desmistificando estereótipos e mitos sobre nós”.

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília

MEMORIAL DOS POVOS INDÍGENAS

Eixo Monumental Oeste, Praça do Buriti, em frente ao Memorial JK.
Horário de visitação:
Terça-feira a domingo, das 9h às 17h

"Artes para descobrir as culturas indígenas"
19 a 25.4
9h – 17h

19.4
Memorial dos Povos Indígenas
"Oração para a Lua", com Nívia Tupinambá
10h – Festividade do Dia do índio com canto da etnia tupinambá "Oração para a Lua", com a cantora Nívia Tupinambá. Exposição "Artes para Descobrir as Culturas" Indígenas. Feira étnica.

21.4
Feira Colaborativa
10h às 17h –Com shows de Nubia Batista, Eliaquim Camilo, Natasha Barros e Gilberto Cruz.

22.4
10h às 17h – Com shows de Mirim Ju Yan Guarani, Ian Wapichana, Gilberto Cruz e Oziel João Filho. Exposição "Artes para Descobrir as Culturas Indígenas".

23.4
10h às 17h – Com shows de Kumuu Dan Wapichana, Heloísa Cruz de Araújo, Nívia Costa e Kessia Daline. Exposição "Artes para Descobrir as Culturas Indígenas.

24.4
10h às 17h – Com shows de Waurá, Ybá Sanenawa, Fernando Gomes e Javier. Exposição "Artes para Descobrir as Culturas Indígenas".

A Kariri-Xocó Heloisa Cruz Araujo, cujo nome original de batismo, Hãmín, significa "aquela que aprende na mata", acredita que "será de grande importância eu apresentar minha cultura. Cantarei torés e rojões de minha etnia. Meu objetivo é que conheçam como é o nosso cotidiano da arte de cantar, de falar e praticar nossa essência, nossos cantos sagrados e nativos, falar um pouco da nossa história de muitos anos da resistência". Ela explica que os torés reúnem cantos e danças e têm conexão com Deus e os ancestrais. Já os rojões são cantos para plantios, colheitas e acolhimento de familiares e amigos.
Oziel Ticuna, da etnia Ticuna Magüta, é estudante da Universidade de Brasília (UnB), graduando em administração e influencer indígena nas redes sociais. É da comunidade indígena Vila Betânia–Mecürane, no Rio Alto Solimões, na fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, no Amazonas. "Eu vou apresentar uma dança cultural baseada na nossa cultura e na mitologia dos Ticuna Magüta. Manter o ritual e a valorização cultural é algo singular para mim, porque dança e música são sagradas para nós, Ticunas. Além do mais, quero defender o meu povo por meio da dança e trajes culturais que vão ser usados durante a apresentação".
Natasha Barros Cardoso, natural de Belém do Pará, é da etnia apinajês. É dançarina e coreógrafa de danças folclóricas do Norte. "Vou apresentar danças folclóricas de uma cabocla, com sua beleza e encantos. O folclore brasileiro não pode ser esquecido e precisa ser mas valorizado. A dança no ritmo de boi bumbá mostra a beleza da índia cunhãporanga, que significa "mulher mais linda e guerreira da tribo", conta Natasha. A performance traz elementos da lenda da cabocla e o boto. Confira a programação ao lado.

BIBLIOTECA NACIONAL PÕE POEMA EM CARTAZ

Alexandre Freire
Edição: Sérgio Maggio (Ascom Secec)
Fotos: Hugo Lira

A poesia pode ajudar as pessoas a encontrarem os caminhos? A exposição "Poema em cartaz", aberta ao público a partir desta quarta-feira (20.4), na Biblioteca Nacional de Brasília (BNB), sugere que sim.

A mostra, uma homenagem ao aniversário de 62 anos da capital, trará dois poemas de 13 escritores e escritoras da cena candanga. Os textos ganharam programação visual inspirada nas placas de sinalização de trânsito da cidade, uma das marcas de Brasília.

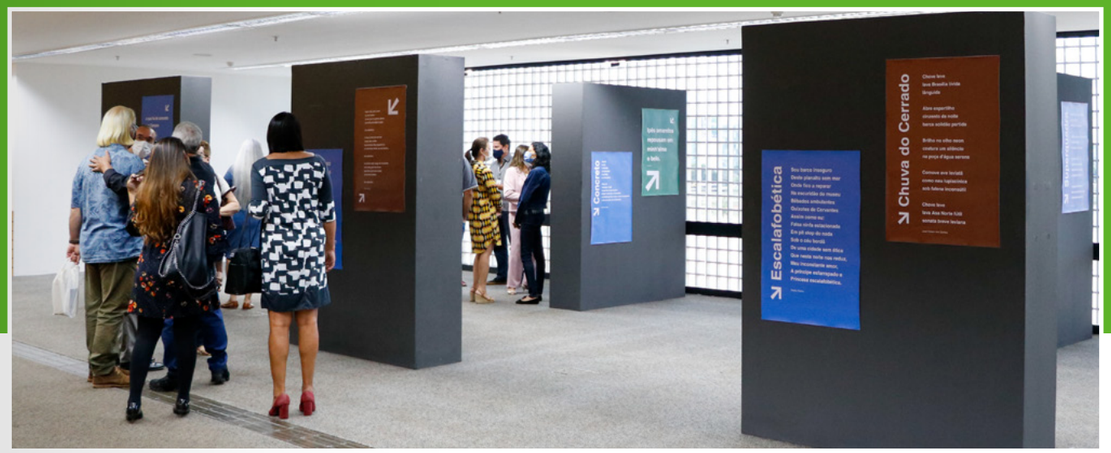
O curador da exposição, Newton Lima, pedagogo de formação e servidor lotado na BNB, fez um levantamento dos poetas cujos trabalhos dialogam com a capital e teve de limitar o número de escolhidos em razão do espaço para afixar os cartazes, no segundo andar da biblioteca. "Acho que a pesquisa ficou interessante e com o jeito da cidade", acredita.

O professor de arte e designer gráfico Aloísio Lima (sem parentesco com o curador; "só poético", brinca) conta como surgiu a inspiração para o projeto dos cartazes. "Poderia ilustrar cada poema com as próprias referências textuais nas obras, mas decidi ir por um caminho mais conceitual e trazer algo mais gráfico que ilustrativo, homenageando a cidade".

Aloísio então se lembrou da sinalização de trânsito da capital, sobretudo, os totens criados em 1976 pelo arquiteto e designer Danilo Barbosa, formado na Universidade de Brasília (UnB), que obtiveram em 2012 o reconhecimento internacional, passando a fazer parte do acervo permanente de arquitetura e design do Museu de Arte Moderna – MoMA, de Nova York.

"Ficou óbvia a relação entre a estética proposta pelo design nas placas da cidade e os poemas que desenham visualidades locais muito características de Brasília", acredita o autor da programação visual da exposição.

"'Poema em Cartaz' veio da ideia de os poemas pularem dos livros para os cartazes, no intuito de propiciar ao leitor uma experiência visual de imagens, típica do momento que vivemos. A velocidade tecnológica no mundo funciona por meio de imagens e sinais. Nos 1980, foi comum também levar a poesia para os cartazes por meio da serigrafia", complementa Newton.



"MEU LUGAR"

A mineira Basilina Pereira, que reside em Brasília desde 1983, teve dois poemas escolhidos para a mostra. Além de poeta, é professora aposentada e advogada. Com três filhas e quatro netos, titulou seus textos "Brasília, Minha Casa" e "Meu Lugar". "Foi difícil amar Brasília, confesso./Seu jeito de princesa pós-moderna,/tão longe da minha pequena cidade!", declama o primeiro. "Meu Lugar" psicologiza os sentimentos que vêm de outros sonhos felizes de cidade, como reza outro poeta:

"Não quero me acostumar ao deserto de emoção que me ronda o fim da tarde.

Tento adiar o pôr do sol,

para que a noite não se faça mensageira do escuro

e o meu lugar possa ser, de novo,

aquele oásis que criei para o meu refúgio."

"Meu processo criativo é bem natural. Quando me sento para escrever, parece que uma janela se abre... são momentos de intenso prazer, em que a palavra colore meus horizontes e eu vou mesclando a realidade a ficção. Para mim, a poesia é isso: encantamento", descreve ela.

EXPOSIÇÃO "POEMA EM CARTAZ"

2° andar da Biblioteca Nacional de Brasília

19/4 a 31/7.

Setor Cultural Sul – SCTS Lote 2 Ed. Biblioteca Nacional de Brasília

Telefone: (61) 3325-6257

E-mail: bnb@cultura.df.gov.br

Horário de funcionamento:
Segunda a sexta-feira:
8h às 20h
Sábado e domingo:
8h às 14h

EXPOSIÇÃO ABRE A ARCA DA VIA SACRA

Texto: Alexandre Freire
Edição: Sérgio Maggio (Ascom Secec)
Fotos: Nityama Macrini

Objetos e fotografias percorrem 49 anos de encenação

Nas comemorações do aniversário de Brasília, o Complexo Cultural de Planaltina, equipamento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) e o Grupo Via Sacra Ao Vivo apresentam a exposição: “Via Sacra ao Vivo – Rumo aos 50 anos”. São objetos cênicos, figurinos, fotografias e documentos que revelam a força e a pujança de uma das maiores encenações a céu aberto do país. . A mostra integra o projeto “Sorria, Brasília”, que festeja os 62 anos da capital.

A exposição apresenta o acervo material, com diversas peças que compõem os cenários das apresentações do “Domingo de Ramos”, “Santa Ceia” e “Via Crucis”, além de importantes arquivos que constituem o acervo documental do Grupo Via Sacra. Os cartazes dos eventos fazem a linha cronológica, e as fotos ilustram a profissionalização do coletivo ao longo dos anos.

“Ao percorrer as obras, o espectador vai se deparar com a coroa de espinhos, objeto cênico de grande valor simbólico para a história da encenação”, adianta o curador e gerente do Complexo Cultural, Júnior Ribeiro.

“A Via Sacra de Planaltina é bem cultural imaterial reconhecido como Patrimônio Cultural do Distrito Federal. A exposição cria uma importante linha do tempo para entender e preservar essa importante manifestação popular cultural e sacra”

Barrtolomeu Rodrigues,
Secretário de Cultura e
Economia Criativa do DF

O clima na montagem foi de saudade e nostalgia para membros mais antigos, e de descoberta aos mais jovens que percebem em cada traço, a força e a simplicidade da história sonhada pelo Padre Aleixo Susin, idealizador da manifestação cultural, e reproduzida há tantos anos pelo Grupo Via Sacra.

Júnior Ribeiro conta que a exposição reflete os 49 anos de história do evento. A Via Sacra ao Vivo de Planaltina/DF pertence à comunidade, com trabalho voluntário. “O cuidado com cenário, figurinos, adereços, fotografias, estruturas, manutenção, criação e reforma são feitos pelas mãos dos integrantes que doam seu trabalho e seu talento para a permanência dessa história que beira meio século”.

O curador afirma esperar que as comunidades de Planaltina e do Distrito Federal conheçam de perto a produção e o trabalho realizado há tantos anos em prol desse espetáculo. “Para o Complexo, é uma oportunidade de abranger a formação de público e de democratizar o acesso à memória de um bem imaterial do Distrito Federal”, acrescenta.

CATETINHO REABRE NOS 62 ANOS DE BRASÍLIA

Texto: Alexandre Freire. Edição: Sérgio Maggio
Fotos: Júnior Aragão; SECEC-DF.

O Catetinho completa 66 anos no dia 10 de novembro e já está de roupa nova para a ocasião. Primeira residência oficial de Juscelino Kubitschek na construção de Brasília, o museu reabre para comemorar os 62 anos de Brasília, depois de dois anos fechado. A Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) investiu R$ 396.6 mil em manutenção do telhado ao piso de cimento da estrutura arquitetônica com pilotis, desenhada por Oscar Niemeyer, em 1956.

Localizado na Região Administrativa do Park, com acesso novo e sinalizado via Brasília Country Club, o Museu do Catetinho passou por pinturas externa e interna do Palácio de Tábuas, Anexo e Sede Administrativa. Essa ação se deu depois da limpeza de forros e da troca das peças de Ipê comprometidas. Orifícios na estrutura receberam tela e espuma para evitar entrada de insetos e outros animais.

O piso de cimento do pilotis foi recomposto. Banheiros históricos receberam limpeza dos revestimentos. Cera acumulada nos pisos foi removida. Vigas e pilastras ganharam verniz novo.

Durante a manutenção, o acervo de 466 itens, entre peças de mobiliário, utensílios, livros, discos e outros objetos, que Juscelino Kubitschek utilizou até 1959 – quando ficou pronto o Palácio da Alvorada –, foi embalado e armazenado no Centro de Dança, espaço cultural da Secec.

"Foram priorizadas práticas visando a estabilização tanto do prédio histórico que abriga a coleção, quanto das peças que compõem o acervo, uma vez que dispostas em um ambiente adequado, essas obras serão mais bem acondicionadas", conta a gerente de Conservação e Restauro da Secec, Mariah Boelsums. A manutenção também

ocorre na área externa. com recapeamento total do estacionamento de visitantes pela Novacap, que também fez a roçagem de gramados e poda em árvores. Houve a construção de rampa de acesso destinada a pessoas com deficiência para instalar sinalização horizontal e vertical (projeto do Detran/DER). O sistema elétrico e de comunicação foram revisados.

A gerente do Catetinho, Artani Grangeiro, que acompanhou o movimento de trabalhadores em turnos de 9h às 17h, não esconde a ansiedade de ver o museu repleto de turistas, moradores do DF e estudantes. Em 2019, o espaço havia recebido quase 45 mil visitantes – 40% de estudantes, 23% do DF, 36% de outros estados e 1% do exterior. "Não vejo a hora de ter os ônibus escolares aqui de novo", aponta.

O Catetinho está plantado numa espécie de santuário ecológico, em Área de Proteção Ambiental das Bacias do Gama e Cabeça de Veado e na Área de Proteção de Mananciais Catetinho. A beleza que cerca o local e inspirou Tom Jobim e Vinícius de Morais a compor "Água de beber" (1960) – quando deram com um olho d'água local durante estada a convite de JK para que compusessem "Sinfonia da Alvorada" (mesmo ano) – também guarda ameaças ao patrimônio tombado pelo Iphan em 1959. Cupins, brocas e outros insetos xilófagos (que se alimentam de madeira) encontram no Palácio de Tábuas um convidativo repasto. Esse ambiente obrigou a Gerência de Conservação e Restauro e recorrer a tintas com alta resistência às ações climáticas

e que contêm fórmula fungicida moderna e de efeito prolongado, além de resinas que repelem água e evitam o empenamento da madeira.

MARCO DA CONSTRUÇÃO

Subsecretário do Patrimônio Cultural da Secec, Aquiles Brayner destaca que o Catetinho é marco fundamental na construção de Brasília. "A sua elaboração rústica de madeira, origem do termo 'Palácio de Tábuas', referência à sua função de residência presidencial, representa um marco arquitetônico na identidade moderna dos prédios de Brasília, os famosos pilotis, nos oferecendo a sensação de leveza e suspensão no ar".

"O Palácio de Tábuas serviu como base para o 'modernismo candango', sendo modelo para edificações temporárias e definitivas erguidas na capital com características semelhantes, a exemplo do Brasília Palace Hotel e dos prédios residenciais nas superquadras", reforça a arquiteta e urbanista Maritza Dantas na tese "Brasília, Patrimônio Moderno em Madeira".

"O Catetinho incorpora, justamente, essa particularidade do movimento modernista brasileiro, o que está evidenciado no seu volume alongado, elevado sobre pilotis, mas elaborado em madeira, como os vernaculares [habitações que usavam materiais locais] uma vez foram erigidos", ensina a arquiteta.

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília

"O Catetinho é espaço símbolo de toda a jornada de criação de Brasília. É uma preciosidade para o mundo"

Barrtolomeu Rodrigues, Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

SEGURANÇA SANITÁRIA

Durante os períodos de liberação de espaços públicos ao longo da pandemia da covid-19, o Museu Catetinho não pôde ser reaberto porque não atendia às regras dos decretos, como o distanciamento e a sanitização. Dois anos depois do início da emergência sanitária, o cenário de vacinação e novas orientaçções de segurança facilitaram a reabertura. "Hoje, temos a orientação da Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz de que a limpeza com água e sabão é muito eficaz, diferentemente do que se sabia antes, quando apenas álcool ou cloro ativo eram recomendados", observa Artani Grangeiro.

Os espaços de exposição, por exemplo, estão sinalizados para que os visitantes não toquem nas superfícies, o que é praxe nos museus históricos. Há ainda dispositivos para desinfecção das mãos com álcool.

MEMÓRIA DOS CANDANGOS VOLTA AO MUSEU VIVO

Integrando as atividades do projeto "Sorria, Brasília", que comemora os 62 anos da capital, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) entrega restaurado um dos patrimônios memoriais da cidade: a exposição "Poeira, Lona e Concreto", do Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC). Com reabertura marcada para esta quarta-feira (20.4), às 15h, uma das mostras mais emblemáticas sobre o nascimento da capital é devolvida à sociedade com cerimônia para convidados. Em seguida, abre ao público todos os dias de das 9h às 17h.

Texto: Loane Bernardo.
Edição: Sérgio Maggio (Ascom/Secec)
Fotos: Carol Lucena; SECEC-DF

Montada no Museu Vivo desde a sua inauguração, em 1990, a exposição permanente conta com mais de mil itens e é composta pelas peças, objetos e fotos que narram a história da cidade, desde os sonhos, os projetos, a construção, até sua inauguração. Ao passar por minuciosa análise técnica, foi contastado desgaste das madeiras, a presença de insetos e desgaste de objetos.

Após o diagnóstico feito pela Diretoria de Preservação (Dipres), a Secec investiu R$ 5.910,00 para o processo de restauração, que consistiu na remoção de todo o acervo original e cenográfico para higienização e reimpressão das réplicas das fotos, croquis, descupinização da galeria, reparo das peças expostas, controle de vetores e pragas urbanas, dedetização, desinsetização, desratização, controle/manejo de pombos, em áreas internas e externas e pintura da galeria que levou cerca de 90 dias para a conclusão dos trabalhos. Além disso, os painéis de madeira que abrigavam as fotos foram trocados.

Responsável pelos espaços culturais da pasta, o subsecretário do Patrimônio Cultural, Aquiles Brayner, destaca que a exposição é retomada do jeito que foi concebida originalmente. "Após a descupinização do espaço e reimpressão das imagens que estavam muito desgastadas pelo tempo, Brasília recebe de volta a preservação da história do povo candango", garantiu.

Composta de diferentes ambientações, a mostra cumprirá seu papel de resgate da época da chegada dos sonhadores candangos. A partir de fotografias, textos, móveis e objetos do início de Brasília, que vão desde documentos importantes como

os da Missão Cruls, projetos de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, até as acomodações dos pioneiros, com detalhes da vida de inúmeras famílias, “Poeira, Lona e Concreto” faz com que a representação sociocultural se materialize para cada visitante.

Gerente do Museu Vivo, Eliane Falcão destaca a satisfação de trazer de volta em excelente estado uma exposição que simboliza toda a diversidade cultural presente no Distrito Federal. “‘Poeira, Lona e Concreto’ vai além de sua competência didática e histórica; a mostra eterniza toda a narrativa de trabalhadores de diversos lugares do país movidos pela oportunidade de trabalho e pelo desejo de participar do processo de construção da nova capital”, considerou.

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília

MELHORES DO MUNDO COMEMORAM 27 ANOS

A vida é uma caixinha de surpresas. Que o digam os integrantes da Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo, que comemoram 27 anos de trajetória com espetáculo nesta quinta (21/4), às 20h, no palco do Cine Brasília. A peça integra a programação do "Sorria, Brasília", projeto da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) para a celebração dos 62 anos do aniversário da capital e do Cine, um dos mais emblemáticos espaços culturais da cidade.

Texto: Lúcio Flávio. Edição: Guilherme Lobão
Fotos: Caio Marins

Em cena, a trupe irá misturar passagens consagradas dos vários sucessos da carreira com esquetes inéditos. A entrada é franca e os ingressos se esgotaram na tarde desta quarta-feira. Não é todo dia que uma companhia de teatro faz aniversário junto com a cidade. E não uma cidade qualquer, mas a capital do país. "Na verdade, o feriado é por conta da gente e não por causa de Brasília", brinca o comediante Ricardo Pipo, membro fundador dos Melhores do Mundo. Essa será a terceira apresentação do grupo no DF após o retorno das atividades culturais então interrompidas por causa da pandemia. É a oportunidade de o público reencontrar personagens icônicos que já fazem parte do imaginário coletivo das pessoas como os impagáveis Joseph Climber, o policial Saraiva e o indiano barbudo Baguiva Shala. Somam-se a eles, em participações especiais por mensagens de vídeo, personalidades como a apresentadora Xuxa Meneghel, o humorista Jô Soares e o jornalista Pedro Bial.

Única mulher do grupo formado ainda por Jovane Nunes, Victor Leal, Adriano Siri e Welder Rodrigues, Adriana Nunes vê a homenagem no Cine Brasília como um acontecimento na trajetória da companhia, que já tem 30 montagens no currículo e milhares de fãs pelo Brasil e até no exterior. Afinal, o grupo passou por todas as capitais brasileiras e por inúmeras cidades do interior, além de ter se apresentado em Portugal e nos Estados Unidos.

Para Adriana, trata-se da consolidação de uma carreira construída com esforço, desafios, reinvenção, e claro, humor. "Fico muito feliz de fazer parte da história dos Melhores do Mundo. Essa apresentação é um marco para nós. Pela data, por estarmos voltando à atividade depois da pandemia e pelo aniversário da cidade", avalia. "Além de podermos estar no melhor cinema do Brasil, que é o Cine Brasília", engata.

CRÔNICAS DO DIA A DIA

Um fenômeno do humor brasileiro, os Melhores do Mundo caíram nas graças do público com um estilo espontâneo em que mistura humor escrachado e nonsense, improvisos inteligentes e personagens cativantes esparramados em sucessos como "Hermanoteu na Terra de Godah" (1995), "Rumo ao Planeta Boing" (1997), "Sexo – A Comédia" (1999) e "Notícias Populares" (2000).

Ingredientes misturados a um texto autoral afiado, em que acontecimentos do dia a dia da cidade se misturam ao comportamento bem peculiar do povo brasileiro. As primeiras histórias do grupo, por exemplo, nasceram dentro de um ônibus, no trajeto entre Taguatinga e a UnB. "Desde o começo, a gente escrevia histórias baseadas no que acontecia com a gente, coisas que a gente vivia", lembra Jovane Nunes, um dos principais escritores do grupo, junto com Victor Leal. "Nosso teatro são

Vamos brincar com figuras históricas que marcaram Brasília, como JK, Oscar Niemeyer e com a nossa história com Brasília como candango. Estamos felizes e animados pelo retorno após o pesadelo de ficar esse tempão com os cinemas e teatros fechados”

Ricardo Pipo, comediante.

crônicas do dia a dia. Isso causou uma identificação muito grande com a plateia. As pessoas se identificaram com nossas histórias pelo texto, pelas situações e pelos personagens”, analisa.

O resultado disso tudo se resume em um estrondoso sucesso impulsionado pelas redes sociais e a renovação na comédia nacional, conquistando novas plateias e o respeito de baluartes do segmento, a exemplo do saudoso mestre Chico Anysio. “O sucesso do grupo tem muita coisa nossa envolvida, mas também motivado pelo momento histórico, quando começamos não tinha internet, computador quase ninguém tinha”, lembra Jovane. “Passamos de uma época que era muito boca a boca para a digital. Uma mudança muito grande nesses 27 anos”.

ESPAÇO CULTURAL RENATO RUSSO REABRE GIBITECA

Texto: Alexandre Freire.
Edição: Guilherme Lobão
Fotos: Hugo Lira

O "Templo dos Quadrinhos" (HQ) vai reabrir suas portas no dia em que Brasília completa 62 anos, nesta quinta (21), às 15h, em cerimônia com participação da Orquestra Popular Marafreboi. A expressão – recuperada no texto de parede do jornalista Celso Araújo para uma mostra comemorativa da revitalização da gibiteca – denota a forma solene pela qual fãs dessa arte já se referiam à seção da antiga Biblioteca de Artes Ethel Dornas no Espaço Cultural 508 Sul, nome do equipamento em 1993.

Gerido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec), que mudou de nome para o atual Espaço Cultural Renato Russo (ECRR) em 1999, o local passa a abrigar agora um lugar dedicado aos quadrinhos, batizado de Gibiteca TT Catalão. Trata-se de homenagem a seu fundador: jornalista, poeta e ativista cultural Vanderlei dos Santos Catalão, falecido em 2020. Na criação da gibiteca, ele doou sua coleção de quadrinhos para o equipamento público.

Depois de receber investimento de R$ 80 mil em novo mobiliário e identidade visual, a renovada gibiteca conta com 120 metros quadrados, nos quais abriga 23 mil exemplares de diversos gêneros: HQs de super-heróis, mangás, gibis infantis e graphic novels.

A Gibiteca TT Calatão reabre como uma das mais importantes do país, com acervo vasto e raro. Queremos estimular a difusão de um polo de criadores no DF"

Barrtolomeu Rodrigues,
Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

O local conta com nova decoração, composta por 20 quadros pintados pelo ilustrador e quadrinista pernambucano Jô Oliveira, uma referência da nona arte no Brasil. As ilustrações dele já estiveram nas paredes da Biblioteca Demonstrativa de Brasília, ligada ao governo federal, na 506/507 Sul, que ficou fechada entre 2014 e 2021 e desativou o espaço outrora dedicado a HQs, o que motivou o artista a recuperar os trabalhos, doando-os à pasta.

Na entrada da gibiteca, há um mural assinado pelo ilustrador, quadrinista, doutor em comunicação social e professor universitário Raimundo Lima Neto, que registra seu testemunho sobre o espaço como ponto de encontro dos aficionados por HQ.

"No Espaço Cultural da 508, eu frequentei a gibiteca, participei de eventos de RPG (Role Playing Games, jogos de representação), assisti exibições de desenhos animados japoneses e compareci aos encontros dos fã-clubes das séries "Arquivo X" e "Star Trek"", conta Lima.

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília

VIAGEM EM EXPOSIÇÃO

Para comemorar a reinauguração da gibiteca e celebrar a importância do local na formação de artistas locais, a gerente do ECRR, Marmenha Rosário, programou uma exposição na Galeria Parangolé (voltada para a avenida W3), com 41 trabalhos de 25 autores.

Jô Oliveira participa da exibição com dois trabalhos: uma ilustração sobre o romance "Grande Sertão, Veredas", de Guimarães Rosa, e uma capa da revista "Risco", criada por artistas gráficos da capital federal e do círculo da Universidade de Brasília (UnB).

A publicação independente teve três edições nos anos 1970. Jô estudou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro na década de 1960 e saiu do país na década seguinte, indo cursar a Escola Húngara de Desenho Industrial.

O ilustrador pernambucano tem grande influência do traço do cordel, que o inspira em muitos trabalhos. Entende que seu desenho é marcado pela "arte naïf", um conceito que designa a produção artística autodidata. Ele, que também estudou animação, conta que na biblioteca da instituição húngara foi muito influenciado por ilustrações de bíblias medievais.

Historiador, ilustrador e cartunista, Luigi Pedone também participa da mostra. Com duas dezenas de livros publicados, deu oficinas no ECRR entre 2009 e 2012. "Eu matava aula para ir para a 508 Sul num momento muito bom do espaço cultural, quando o diretor era o TT Catalão. O Gersion (de Castro) ficava lá. Eu saía da gibiteca para ir para aula de desenho. Ficava a tarde toda lá. Foi uma escola para artistas como eu", conta.

Gersion de Castro, artista plástico brasiliense e especialista em educação e patrimônio cultural e artístico, é servidor da carreira de atividades culturais há 28 anos e realiza curadoria de mostras desde 1998. Em 2000, ele dá início a uma série de mostras coletivas e individuais com o projeto "Gibiteca em Movimento".

"Fui convidado no ano passado a ajudar na pesquisa histórica para a reabertura da gibiteca. Assim, propus a realização de mostra de desenhos, reunindo antigos frequentadores do Renato Russo, convidando desenhistas de mostras que realizamos há 22 anos e também novos desenhistas para essa mostra coletiva", explica Gersion.

Marmenha fala emocionada ao devolver a gibiteca ao público da cidade: "É um local de afeto, importante na formação de gerações e que proporcionou transformações por meio da cultura. Esperamos, com a nova gibiteca, reativar esse potencial mais uma vez".

Gibiteca TT Catalão
Espaço Cultural Renato Russo (508 Sul, Bloco A).

Cerimônia de reabertura da Gibiteca: Quinta (21), às 15h.

Visitação da exposição: Até 5 de junho, de terça a sexta-feira, das 10h às 20h; sábado, das 13h às 19h. Acesso livre.

Classificação indicativa livre.

MOSTRA COMEMORA 62 ANOS DO CINE BRASÍLIA

Texto: Lúcio Flávio. / Edição: Guilherme Lobão
Fotos: Júnior Aragão e Caio Marins

Daquelas coisas mágicas que só acontecem no Cine Brasília. O ano era o de 2000. Mostra Competitiva do Festival de Brasília. A equipe e o elenco do longa-metragem Bicho de Sete Cabeças sobe ao palco do cinema sob uma trepidante vaia. O motivo? A birra do público, incomodadíssimo com o galã Rodrigo Santoro, na época um rosto famoso na TV brasileira, e protagonista do filme. “Foi uma sessão totalmente inusitada. Meu primeiro longa, casa lotada e aquela vaia que não parou nem quando o filme começou”, recorda a cineasta Laís Bodanzky.

Esses e outros episódios marcantes da história da casa do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e um dos espaços culturais mais emblemáticos do país nortearam a curadoria da mostra Maratona de Filmes. O evento acontece dentro do projeto Sorria, Brasília, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF (Secec), embalando a programação de aniversário da capital e em homenagem aos 62 anos Cine Brasília, nesta sexta-feira (22), exibidos em sessões gratuitas, a partir das 10h.

"Brasília e o Cine Brasília são duas coisas muito singulares, sendo que esse último transcende o fato de ser cinema por fazer parte da essência do plano original imaginado por Lucio Costa"

Sérgio Moriconi, jornalista, pesquisador, cineasta e ex-programador do Cine Brasília

"Fazer uma mostra em homenagem ao Cine Brasília renderia vários recortes, resolvemos olhar pelo lado histórico", explica Carmem Moretzsohn, que assina a curadoria com a jornalista e produtora cultural Gioconda Caputo. "Escolhemos filmes que foram relevantes na história do Cine Brasília ou momentos marcantes vividos lá com esses filmes", conta.

E foi o que aconteceu com a consagração de Bicho de Sete Cabeças, vencedor nas categorias de melhor filme, direção, fotografia, ator coadjuvante (para Genro Camilo) e ator, para... Rodrigo Santoro. "Essa sessão foi simbólica e inesquecível, marcou o nascimento do filme e de um ator, que ia além de um rosto bonito e que o público é capaz de mudar de opinião depois de assistir a um filme, coisa rara hoje em dia", continua Laís. "Minha história com esse espaço é de carinho. É preciso celebrar um cinema vivo durante todo esse período, não só pelos filmes exibidos, mas pela plateia vibrante que muda a cada geração", constata.

Outro destaque marcante na programação nesse dia de festa é o clássico A Canoa Furou, comédia de 1959 estrelada pelo comediante Jerry Lewis. Este foi primeiro filme exibido no Cine Brasília, em sessão que contou com a presença de um atrasado Juscelino Kubistchek. "É um fato incrivelmente relevante você imaginar um presidente inaugurar um cinema. Provavelmente, não tem nenhum precedente na história", comenta o jornalista, pesquisador, cineasta e ex-programador do cinema, Sérgio Moriconi.

HISTÓRIAS AFETIVAS

Vencedor da edição do Festival de Brasília de 1994, o filme Louco por Cinema, do baiano radicado na capital André Luiz Oliveira, também é destaque da mostra. A produção entrou para a história do Cine Brasília por ser o primeiro longa-metragem realizado em Brasília a abiscoitar os prêmios máximos da competição. Para o cineasta, representou um ponto de redirecionamento em sua carreira, após quase 20 anos sem filmar. "Foi um feliz encontro comigo mesmo, com esse cara que ainda tinha tanta coisa para fazer", reavalia.

"Louco por Cinema é importante também porque nunca houve uma produção local com tantos atores e equipe da cidade trabalhando. E a gente quis valorizar isso", destaca a curadora Carmem Moretzsohn.

Veterano do cinema da cidade, que viveu uma relação passional com o Cine Brasília, onde teve filme interditado pela censura nos anos 70, o mestre Vladimir Carvalho participa da maratona com o pungente documentário Barra 68 – Sem Perder a Ternura. Premiado na mostra paralela do Festival de Brasília em 2000, o filme resgata as agressões sofridas pelos estudantes e professores da Universidade de Brasília nos anos 60, sob o jugo da ditadura.

O cineasta paraibano lembra com emoção da exibição do seu filme na abertura do Festival de Brasília, em depoimento ao livro Candango – Memórias do Festival Vol. 1, de Lino Meireles: "Uma lembrança das mais felizes: com aquele imenso close da cabeça de Darcy Ribeiro (...) aplaudido calorosamente".

Abordando temas pertinentes como a questão indígena, o meio ambiente e a sustentabilidade, Taína – A Origem, de Rosane Svartman, guarda uma relação afetiva com o espaço por ser exibido para a turma de escola da rede pública do DF. Falecido no último mês de fevereiro, o cineasta Arnaldo Jabor também é lembrado em sua relação com o Cine Brasília, que exibirá na maratona um de seus maiores sucessos: a comédia dramática Tudo Bem, vencedor do Festival de Brasília de 1978. Na trama, protagonizada pela dupla Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo, Jabor traz um olhar crítico e mordaz sobre o país a partir do dia a dia de tradicional família de classe média brasileira."Escolhemos simplesmente o filme que ele considerava o melhor de sua carreira, na lista dos 100 filmes brasileiros de todos os tempos", revela Carmem Moretzsohn. "Com muita sutileza, o Jabor fala sobre desigualdade social, a eterna luta de classes, o decantar, entre aspas, da cordialidade brasileira, além, claro, de contar com atuações maravilhosas", resume a curadora.

MAB VIRA O XODÓ DE BRASÍLIA

Texto e edição: Sérgio Maggio.
Fotos: Hugo Lira e
Marina Gadelha

Em 21 de abril de 2021, Brasília recebeu de presente de aniversário uma joia considerada perdida. O Museu de Arte de Brasília (MAB) voltava a abrir as portas, completamente reformado e ampliado, depois de 14 anos de abandono. Hoje, um ano depois, o espaço cultural segue como um dos mais visitados da cidade. Em um ano, mesmo sujeito às regras da pandemia da covid-19, com parte do tempo em horário e público reduzidos, o MAB contabiliza 21 mil visitantes, entre brasilienses e turistas. O número é recorde se comparamos com o ano de 2006, considerado um dos melhores na história do equipamento, quando recebeu 7 mil pessoas, três vezes menos.

Neste ano, em comemoração aos 62 anos, o MAB integra o projeto "Sorria, Brasília", que monta ao seu redor Feira Colaborativa de artes e gastronomia.

E para celebrar um ano de vida nova, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa e o Museu de Arte de Brasília dispõe para download gratuito o catálogo "que conta a história da arte e do design de Brasília, com foco no acervo do MAB".

Aponte a câmera do seu celular para a imagem ao lado:

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília

"O MAB era um dos pontos de honra dessa gestão. Fizemos essa obra andar e ser realizada. Hoje, voltou a ser um cartão-postal da capital federal"

Barrtolomeu Rodrigues,
Secretário de Cultura e
Economia Criativa do DF

MUSEU ABERTO

Com exposições diversificadas, o MAB é um equipamento que se abriu em diálogo com a sociedade brasiliense. Nesse tempo de volta, estabeleceu parcerias com instituições de ensino de referência, como a Universidade de Brasília (UnB) e o Instituto Federal de Brasília (IFB), além do conjunto de embaixadas. Outro impacto importante foi se abrir para o design, ajudando a recontar a história do mobiliário nacional, como é o caso da mostra do mestre Sérgio Rodrigues.

Com acervo preciosíssimo, o público pode conferirobras raras como as gravuras de Tarsila do Amaral e as fotos artísticas de Orlando Brito, exposições que abriram as portas do MAB ao público. Aos poucos, Marcelo foi criando um circuito de arte que permite ao visitante um passeio sobre a escola de arte contemporânea. É impossível sair da galeria, pilotis, térreo e jardim de esculturas sem uma impactante experiência subjetiva e sensorial promovida pelo acervo, hoje, exposto em quase 10%.

"Uma das próximas etapas é trazer o acervo completo, hoje guardado sob segurança em diversos espaços, como o Museu Nacional da República. Estamos nos preparando para esse transporte a partir da aquisição de um mobiliário de reserva técnica adequado", aponta o gestor.

Não por acaso a população abraçou o museu em seus diversos eventos. Tiramos por exemplo, da sua reserva técnica, diversas obras que não eram expostas há décadas”

Marcelo Gonczarowska Jorge, gerente do Museu de Arte de Brasília e da Concha Acústica.

JOIAS A CÉU ABERTO

Orgulho do espaço, o Jardim de Esculturas, que antes da reabertura nunca tinha saído do papel, é um dos pontos mais visitados e fotografados. Marcelo conta que esse espaço, sonhado desde os anos 1980, segue em progresso, pois necessita da construção de bases para abrigar esculturas valiosíssimas que seguem na reserva técnica. “Tudo que essa gestão tem feito é em prol da preservação e difusão dessa coleção belíssima, que é um motivo de orgulho para Brasília”, celebra.

EIXO CULTURAL IBERO-AMERICANO CELEBRA A CIDADE

Texto: Larissa Sarmento
Edição: Sâmea Andrade (Ascom/Secec)
Foto: Nityama Macrini

Entre as atividades programadas, estão piquenique no gramado, atrações musicais, exposição de gravuras, desenhaço, apresentação de dança, Festival de Orquestras Populares e Feira Colaborativa. O evento conta com extensa programação ao ar livre, que vai agitar a capital neste aniversário, depois de dois anos sem comemorações presenciais em função da pandemia.

No feriado, a programação começa às 10h com Contação de Histórias e área para piquenique onde as pessoas podem reunir os amigos e familiares, no extenso gramado que faz parte do espaço.

As apresentações musicais começam ao meio-dia com a banda Coisa Nossa tocando o melhor do samba raiz. Às 16 horas, o público poderá assistir ao show de Ellen Oléria, cantora brasiliense que ganhou os palcos de todo o Brasil.

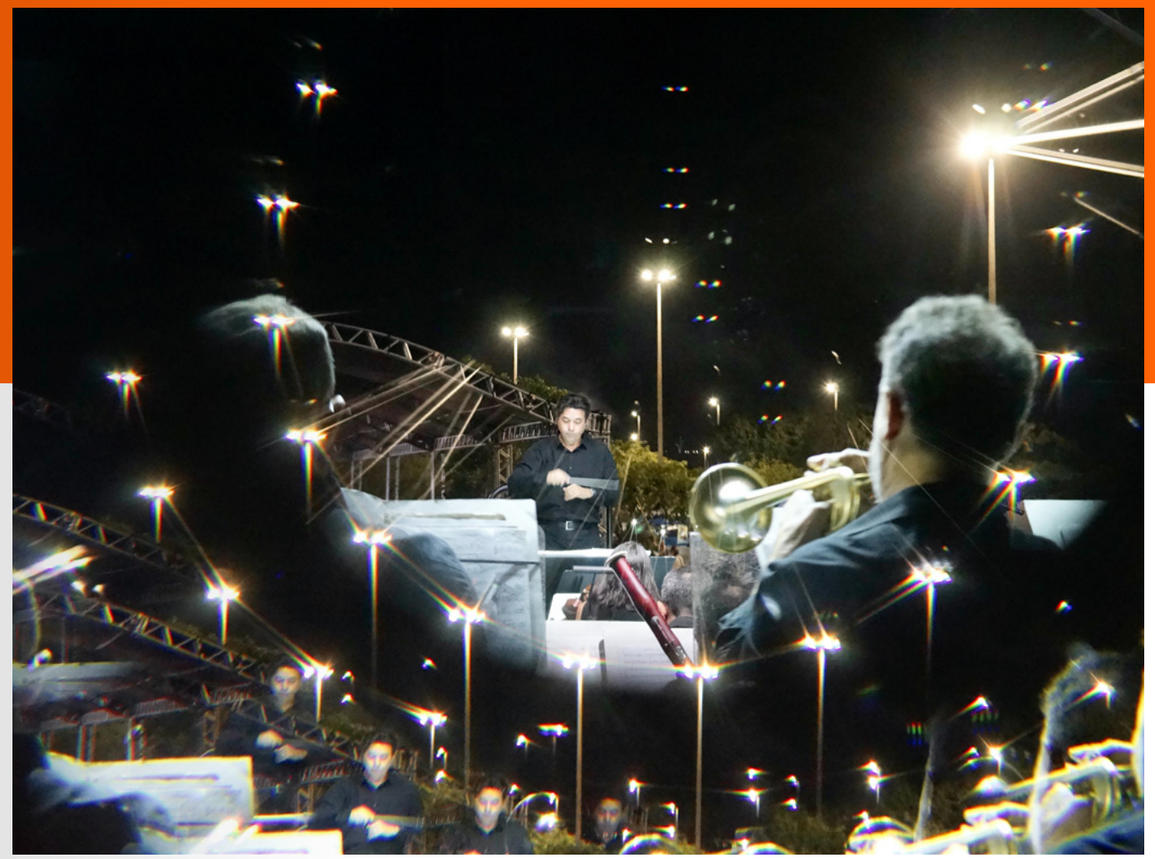
Todos os dias, das 10h às 17h, os apreciadores da arte poderão conferir, na Galeria Fayga Ostrower, a mostra "O Mito de Brasília", de Pedro Garcia.

UM GRANDE ENCONTRO DE ORQUESTRAS

A Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro (OSTNCS) se apresentará na quinta (21/4), a partir das 18h, com repertório que passeia do clássico à música popular brasileira, passando por famosas trilhas sonoras de cinema como "Star Wars" de John Williams e do filme "007".

De acordo com o maestro Cláudio Cohen, regente da orquestra, o concerto será composto por clássicos universais e muita música brasileira. "Vai ser uma noite incrível, a orquestra vai tocar desde compositores como Mozart e Antonin Dvorák até Ary Barroso da Aquarela do Brasil e sucessos de Luiz Gonzaga", completa.

O Festival de Orquestras Populares acontecerá de sexta a domingo com shows gratuitos de seis grandes grupos instrumentistas de Pernambuco e do Distrito Federal: Orquestra Popular do Recife (PE), Orquestra Rockfônica de Frevo (PE), Orquestra Quadrafônica (DF), Orquestra Popular Salve Glória (DF), Orquestra Alada Trovão da Mata (DF) e Orquestra Popular Marafreboi (DF). Serão duas apresentações por dia nos horários de 18h e 20h.



MEDALHA RECONHECE PERSONALIDADES CULTURAIS

Texto: Déborah Gouthier, Guilherme Lobão,
Larissa Sarmento, Loane Bernardo, Lúcio Flávio.
Edição: Guilherme Lobão (Ascom/Secec)
Fotos: Hugo Lira

Para fortalecer a diversidade e pluralismo cultural, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (Secec) concede a inédita Medalha do Mérito Distrital da Cultura Seu Teodoro a 30 personalidades e organizações engajadas com a produção, a valorização e a difusão da cultura do DF. A solenidade será realizada durante a programação de reabertura do Museu do Catetinho, nesta quinta (21/4), às 10h, como parte das atividades do projeto Sorria, Brasília.

O decreto que criou a medalha foi publicado em dezembro de 2020, em homenagem ao centenário de Teodoro Freire, o Seu Teodoro, e seu legado artístico e histórico. Segundo o secretário, Bartolomeu Rodrigues, a instituição da láurea em memória do mestre popular "visa preservar a memória de sua luta pela diversidade e pela igualdade".

A Medalha do Mérito Distrital da Cultura Seu Teodoro será entregue às seguintes personalidades e organizações:

Antônio Miranda

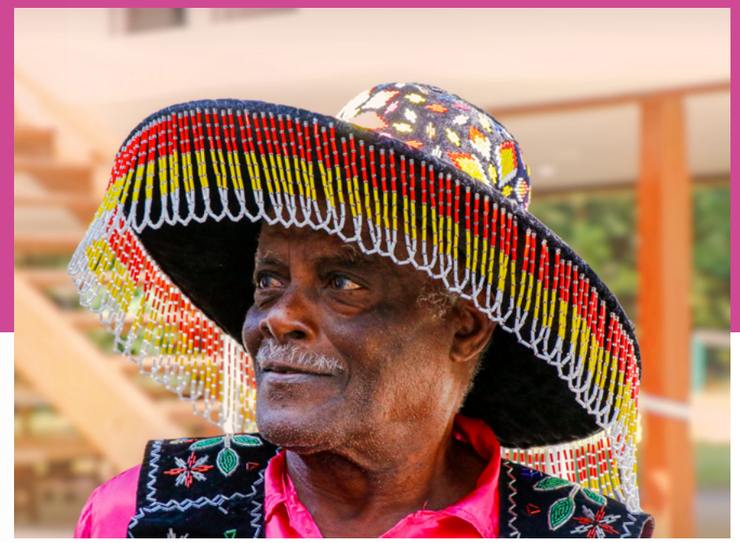
Poeta e ex-diretor da Biblioteca Nacional de Brasília

Maranhense e decano da Universidade de Brasília (UnB), na qual coordenou o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação, o professor Antônio Miranda foi o primeiro diretor da Biblioteca Nacional de Brasília (BNB). Bibliotecário, doutor em Comunicação e poeta, é membro da Associação Nacional de Escritores e consultor em planejamento e arquitetura de bibliotecas e centros de documentação.

Chico Simões

Mamulengueiro e educador

Mestre mamulengueiro, fundador do grupo Mamulengo Presepada, atua há mais de 30 anos na capital federal e em outros estados fomentando a arte, principalmente a do teatro de bonecos. A instalação da sede do grupo de Simões em Taguatinga, no Mercado Sul, marcou esta trajetória, permitindo o desenvolvimento de inúmeros projetos sociais e educativos, que dialogam com os fundamentos das culturas populares e tradicionais. Na bagagem, acumulou mais de 2,5 mil apresentações em 25 países, trabalhando como palhaço, mágico, camelô, ventríloquo, bonequeiro, numa trajetória consagrada por diversos prêmios. É também fundador do Ponto de Cultura Invenção Brasileira, em Taguatinga (DF), e da Vila Mamulengo, em Olhos D'água (GO).



Climério Ferreira

Compositor, poeta e professor

Climério Ferreira nasceu em Angical do Piauí em 1943, cresceu em Teresina e tinha apenas 18 anos quando se mudou para Brasília com os irmãos Clodo e Clésio, para desenvolver a futura e bem-sucedida carreira musical no DF. Jornalista de formação, é professor aposentado da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Compositor, cantor e poeta, Climério também é escritor, com mais de dez livros publicados, sendo o primeiro intitulado "Memórias do Bar do Pedro e outras canções", de 1975. Sua mais nova obra, "Canções de Amor e Desespero" foi lançado ano passado. Seu trabalho musical inclui importantes parcerias e centenas de canções, com algumas delas interpretadas por artistas de renome nacional, como Dominguinhos, Tim Maia, Nara Leão, Fernanda Takai, Mastruz com Leite e Fagner.

Debora Dornellas

Escritora e artista plástica

Carioca, mas criada no Distrito Federal, Debora é escritora, jornalista, tradutora e artista plástica. Durante a pesquisa sobre o maracatu para o mestrado em História, ela encontrou na cultura popular brasileira de matriz africana o universo onde queria se aprofundar. Após o livro de poemas "Triz", em 2012, a autora seguiu publicando suas obras com o Coletivo Literário Martelinho de Ouro. Em 2018, lançou seu primeiro romance, "Por Cima do Mar", trazendo como protagonista uma personagem brasiliense e ilustrações da própria autora. A obra foi vencedora do Prêmio Casa de Las Américas de 2019, como melhor romance brasileiro do ano, e finalista do Prêmio São Paulo de Literatura no mesmo ano, na categoria melhor autor estreante.

Debora Glamourosa

Cantora

O nome de batismo é Débora Alencar, mas todo mundo a conhece como Glamurosa, com "u" só mesmo. Expressivo nome do funk e do rap de Brasília. A carreira da artista teve início há dez anos, em Ceilândia. Em 2012 foi descoberta pelo produtor musical Ceggo MC, com quem escreveu sem primeiro funk. Em março de 2016 entrou para o universo hip hop, onde gravou seu primeiro rap com o produtor Gabriel Cocketel Molotov. Nesse mesmo ano, fundou o coletivo cultural e social Sol Nascente Trecho 3, onde realiza expressivos trabalhos educativos e de conscientização. É autora da música "Maria da Penha", libelo contra a violência doméstica e contra o feminicídio, temas sobre os quais palestrou em diversas escolas do DF, junto com a Regional de Ensino. Desde 2017 atua em filmes do cineasta de Ceilândia Adirley Queiróz.

Circo Real Português

Representado por Joici Portugal

O Circo Real Português é um importante representante da cultura circense, que espalha pelo Brasil sua arte, magia e diversão, mas também uma história de luta, renovação e perseverança. Fundado em 1938, ele tem passado de pai para filho, atravessando anos e gerações. Joici Portugal é uma dessas artistas-herdeiras. Trapezista e gerente administrativa do circo, ela é bisneta de seu fundador. Ao lado dela, na vida e no picadeiro, estão alguns de seus irmãos, primos e tios, dando vida ao espetáculo que pode ser admirado por um público de todas as idades. A relação do Circo Real Português com Brasília é tão longa quanto a história da própria cidade, já que a trupe se apresentou na capital ainda em sua inauguração, sendo o primeiro circo armado no DF.

Gioconda Caputo

Jornalista e produtora cultural

Mineira de Juiz de Fora, Gioconda chegou a Brasília no ano de sua inauguração. Jornalista formada pela Universidade de Brasília (UnB), passou por vários veículos, entre eles Correio Braziliense e Jornal de Brasília, atuando exclusivamente nas editoriais de Cultura. Em 2001, com a atriz e jornalista Carmem Moretzohn, cria a Objeto Sim Projetos Culturais, primeira empresa na capital a trabalhar exclusivamente com assessoria de imprensa para eventos culturais. Também é produtora, responsável pela criação do Slow Filme – Festival Internacional de Cinema e Alimentação e pela produção de diversas mostras de cinema com o CCBB, como a Vladimir 8.0, que celebrou os 80 anos do documentarista Vladimir Carvalho.

Dilson Marimba

Compositor e carnavalesco

Carioca do subúrbio de Engenho de Dentro (RJ) , o compositor e carnavalesco Dilson Manoel da Costa, o Dilson Marimba, talvez seja um dos nomes mais relevantes do Carnaval de Brasília. Desde 1981, ligado, umbilicalmente à Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro (Aruc), é autor de mais de 20 composições da Azul-e-branco, com as quais conquistou vários campeonatos no desfile das escolas de samba da capital. É coautor, por exemplo, do samba-enredo "O Gavião Apaixonado Apresenta Três Formas de Amor", um dos grandes sucessos da agremiação brasiliense. Ainda ligado afetivamente com o Carnaval do Rio de Janeiro, é parceiro em enredos de escolas como Beija-Flor de Nilópolis e Salgueiro.

Grupo Street Cadeirante

Representado por Carla Maia

Tudo começou com o sonho da jornalista e bailarina Carla Maia. Após um problema de saúde, que a deixou tetraplégica, ela resolveu criar uma companhia de dança para cadeirantes, iniciativa pioneira no Brasil. Através de coreografias, o grupo brasiliense transformou a vida de centenas de pessoas em todo o país.
Com quatro anos de fundação, a cia. teve destaque na cena cultural da capital. Foi atração no Capital Motoweek e em duas edições do Carnaval no Parque, onde abriu o show de Anitta. Em 2020, o Street Cadeirante foi agraciado com o Prêmio For the Brave de Empreendedorismo Social e participou do quadro "The Wall", do programa do Caldeirão do Huck, da Rede Globo.

Hélio da Costa Muniz

Diretor de Manutenção do Patrimônio de Espaços Culturais da Secec

Gestor de Serviços Executivos, chegou à Secretaria de Cultura e Economia Criativa em 1982. Entrou como datilógrafo, evoluiu para chefe de recursos humanos, depois para diretor financeiro e, hoje, é Diretor de Manutenção do Patrimônio. Presenciou a construção do Museu Nacional em 1999 e sua inauguração em 2006. Foi um dos responsáveis pelas primeiras reformas do Teatro Nacional e do Panteão da Pátria; pela restauração do Museu Vivo da Memória Candanga e pela mudança do Casarão do Samba para o Museu de Arte de Brasília. Um dos servidores mais antigos da pasta, sua função e compromisso com o patrimônio cultural é fazer com que a conservação dos equipamentos da Secec se mantenha em dia.

Hugo Rodas

Ator e diretor de teatro

Um mestre do palco, que nos deixou há uma semana, Hugo Rodas foi um dos mais talentosos e importantes artistas de teatro de seu tempo. Além de diretor, Hugo desenvolveu outras vertentes da profissão, como ator, diretor, bailarino, coreógrafo, cenógrafo, figurinista e professor. Uruguaio, se radicou no Brasil desde os anos 1970 e firmou-se na capital em 1975, onde participou ativamente da cena teatral da cidade. Sua atuação intensa nas questões culturais lhe rendeu três títulos concedidos pelo Governo do Distrito Federal, entre eles o de Cidadão Honorário de Brasília (2000). Também recebeu os títulos de Notório Saber em Artes Cênicas (1998) e, mais recentemente, em 2014, o de Professor Emérito, ambos pela Universidade de Brasília (UnB), onde dedicou mais de 20 anos de trabalho na formação de artistas. Faleceu aos 82 anos, deixando um legado incalculável para a cultura do Distrito Federal.

Humberto Pedrancini

Ator e diretor de teatro

Ator, diretor e professor de interpretação, Pedrancini formou e influenciou gerações de artistas nas artes cênicas no Distrito Federal e no Brasil, por meio da Faculdade Dulcina de Moraes e sua Escola de Atores, atualmente. Nascido em Uberlândia (MG), começou a atuar em Goiânia e se estabeleceu em Brasília a partir de 1972. É dos fundadores de dois grupos teatrais bastante atuantes na capital: Celeiro das Antas e O Hierofante Companhia de Teatro. Com eles dirigiu uma série de espetáculos icônicos como "O Primeiro Milagre", "Dois Perdidos Numa Noite Suja", "A Voz Humana", "Tudo Trriimm", "Brasília de Pedra e Flor"e "O Auto da Camisinha", com a qual foi para os EUA.

José Carlos Coutinho

Arquiteto / Professor Emérito da Universidade de Brasília

Poucos conhecem a história da arquitetura da capital do país, com suas particularidades e curiosidades, do que o Professor Emérito da Universidade de Brasília e arquiteto, José Carlos Coutinho. Tendo como características únicas a gentileza, educação e elegância, é capaz de ficar horas e horas parlamentando sobre a importância dos projetos realizados pelos grandes inventores da cidade modernista. Nascido no Rio Grande do Sul, chegou em Brasília em 1968, por ocasião de um seminário para discutir e propor a reforma curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo da UnB, uma de suas grandes paixão. "A UnB foi a razão da minha vinda para Brasília, onde construí minha vida, segui minha carreira e minhas metas", confessa. "Era para eu ficar seis meses aqui e acabei ficando 50 anos", diz.

José Carlos Vieira

Poeta

Paraibano de nascença, brasiliense por excelência e botafoguense fanático, José Carlos Vieira é Editor dos cadernos de Cultura e de Cidades do Correio Braziliense, além de dedicar seu talento para a poesia, cronistas e letras de bandas de rock. Escreve a famosa coluna, Fala, Zé, onde brinca com coisas sérias. Poeta boêmio, de olhar sensível desde 1970 publica livros onde publica comédias da vida pública e privada em títulos como Você – Poemas de Paixões e Coisas Parecidas e A Alma e o e-mail. "Meus versos são libertários. Não consigo colocar o terno e a gravata em minhas palavras", gosta de definir.

Keiane Dias

Cordelista

Cordelista, jornalista e professora de yoga. Influenciada por Manoel Dias de Oliveira, seu avô paterno, admirador da literatura de cordel, repentista e paraibano, Keyane começou a escrever em 2016 e, hoje, caminha para publicar seu terceiro cordel, chamado "Palavras Mensageiras". A primeira obra publicada pela autora, o cordel "Benzadeus!", diz respeito a importância de se falar sobre o feminino. Junto a Sabiá, Davi Mello e Fernando Cheflera, Keyane criou, em 2019, o Coletivo cordelista Passarema.

Lilian Tahan

Jornalista

Desde setembro de 2015 no comando do portal de notícias, Metrópoles, a jornalista Lilian Tahan carrega na veia o DNA do jornalismo político, abraçando com entrega leonina e talento singular o que faz. Formada em comunicação social pela Universidade de Brasília (UnB), com especialização em jornalismo digital e gestão de empresa de comunicação pela ISE Business School – instituição vinculada à Universidade de Navarra, na Espanha -, trabalhou por 12 anos no Correio Braziliense e dois anos na revista Veja Brasília, da Editora Abril. Também atuou como repórter concursada da EBC. Entre os prêmios conquistados ao logo da carreira estão os prestigiado Esso, Embratel, Roche (Fundação Gabriel García Marquez), Sociedad Interamericana de Prensa, Comitê Internacional da Cruz Vermelha, Society for News Design, CNT, CNI, AMB, MPT.

Luiz Lima
Carnavalesco

Folião nato de Pernambuco, o jornalista Luiz Lima é um dos responsáveis por incentivar e formatar a cultura do Carnaval na cidade com a criação de alguns dos blocos de rua mais emblemáticos do Distrito Federal: Baratinha, Baratona e o Galinho de Brasília. Pioneiro, vive na capital desde 1958, onde criou a empresa Clip Clipping. Atuou como assessor de imprensa da Embaixada dos Estados Unidos e atuou como técnico de futebol da Escola Americana.

Mestra Maria
Cultura popular

Matriarca do Bumba Meu Boi do Seu Teodoro, Mestra Marida é viúva do mestre que dá nome ao grupo. Fundadora do grupo em 1963, é a líder do conjunto, que mantém-se em atividade na região administrativa de Sobradinho, mantendo viva a tradição do folguedo nordestino.

Marcia Witczak
Jornalista

Jornalista da área cultural, se formou em 1995 na Universidade de Brasília (UnB). Há 25 anos integra a equipe da TV Globo. Hoje editora de cultura do DFTV, e apresentadora do Diversão e Arte, sempre cedeu espaço à produção local, valorizando os artistas da cidade na agenda cultural da emissora. Um de seus projetos mais importantes é o Brasília Independente, concurso de bandas autorais do DF, que acontece há 11 anos, por onde já passaram mais de 100 músicos e artistas da cena musical.

Maria José Lira Vieira
Difusora literária

Mais conhecida pela alcunha de Mazé, seu nome se confunde com o do programa que gerencia: o Mala do Livro, projeto itinerante de incentivo à leitura por meio da criação de bibliotecas domiciliares no Distrito Federal e Entorno. Referência mundial no tema, o projeto possui hoje 193 unidades instaladas, atendendo cerca de 18 mil pessoas por ano. Gerenciado pela Biblioteca Nacional de Brasília, um dos equipamentos da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, ele segue sendo executado com excelência há mais de 30 anos graças à dedicação de nomes como Mazé. Servidora do GDF e integrante do programa desde sua concepção. Após uma vida dedicada ao fomento à leitura e à divulgação do mundo mágico dos livros, Mazé pretende dar continuidade à sua missão e seguir trabalhando como agente de leitura, de forma voluntária, mesmo depois de aposentada.

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília

Martinha do Coco
mestra

A mestra Martinha do Coco é pernambucana de Olinda, radicada na antiga Vila Paranoá (hoje região administrativa do Paranoá) desde os 17 anos. Sua iniciação musical se deu em uma banda com instrumentos reciclados e logo integrou o grupo de percussão da Organização Tambores do Paranoá – TAMNOÁ, sendo uma das fundadoras do Ponto de Cultura Tambores do Paranoá. Desenvolve trabalho autoral, difundindo os estilos musicais nordestinos do coco, do maracatu e da ciranda. Em 2013, Martinha do Coco recebeu do Ministério da Cultura o título de Mestra da Cultura Popular. Desde o início de sua carreira solo, em 2006, Martinha do Coco realizou apresentações com sua banda em diferentes eventos dentro e fora do Distrito Federal. Promove anualmente, no Paranoá, o pré-carnaval de rua com o bloco Segura o Coco.

Minnie Sardinha
Artista plástica e tecelã

Maria Eugênia Sardinha nasceu na Ilha da Madeira, em Portugal, e tornou-se Minnie Sardinha. Artesã, artista plástica e tecelã radicada em Brasília desde a década de 1960, aprendeu com a mãe a tecer e a observar o mundo. Através do desenho primitivo, ela materializa em sua arte constelações, símbolos e espíritos. Juntas, elas realizaram uma admirável pesquisa sobre a criatividade popular expressa nos antigos pontos de teares da roça no interior de Goiás e Minas Gerais, e foi a partir da reinterpretação desse conhecimento que Minnie formulou as bases de sua arte, que transita entre mantas, vestidos e paredes, sem perder em importância e singularidade. Seu trabalho foi exposto e admirado em diversas partes do Brasil e do mundo.

Noeme Rocha
Professora

Fundadora da Biblioteca Braille Dorina Nowill em Taguatinga, Noeme Rocha da Silva é educadora há quase 30 anos. Ela se tornou referência nacional de acessibilidade na área de Educação. Após acidente em 1990, Noeme perdeu a visão aos poucos, mas o desejo de transmitir seus conhecimentos não limitou sua atuação. Além do trabalho com o Braille, Noeme também dá aulas para comunidades menos assistidas.

Pai Jorge de Oxossi

Cultura Afro-brasileira

Dirigente do terreiro que leva seu nome, Pai Jorge é liderança religiosa de referência importante do patrimônio cultural de matriz afrobrasileira – imaterial e material – no DF. O terreiro do Pai Jorge de Oxossi da Corte da Planta Myllegy, ligado à nação Jêje-Mahin, está instalado em Ceilândia desde 1977 e é um dos mais tradicionais do Distrito Federal. Aproximadamente 500 pessoas se ocupam dos trabalhos espirituais do terreiro. Pai Jorge afirma ter iniciado por volta de cinco mil filhos-de-santo. Desses, cerca de 150 deram origem a suas próprias casas religiosas. Nesse trabalho, são evidenciados saberes e fazeres ritualísticos, traços identitários capazes de afirmar uma singularidade em nossa sociedade.

Reco do Bandolim

Músico e radialista

Henrique Lima Santos Filho, o Reco do Bandolim, é baiano de Salvador. Chegou a Brasília ainda adolescente e participou de bandas de rock nos primórdios do movimento musical que projetaria a cidade na década de 1980. Mas a descoberta do bandolim e dos discos do mestre Jacob do Bandolim despertaram nele uma paixão definitiva pelo choro. Participou do grupo de fundadores do Clube do Choro de Brasília, instituição da qual é presidente. Radialista e jornalista, Reco também é fundador da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello. Como músico, lidera seu próprio regional Choro Livre, com quatro discos gravados, reconhecido por acompanhar grandes nomes da MPB, como Nelson Cavaquinho, Clementina de Jesus, Moraes Moreira, Armandinho, Dona Ivone de Lara, Paulinho da Viola, João Donato e outros bambas da música popular.

Suelen Saboia Cardoso

Capoeirista (Instituto Mãe-África)

Sob a alcunha de Mestranda Benguela, Suelen atua como capoeirista, produtora cultural e é fundadora do Instituto Mãe África, organização criada na Ceilândia, para a valorização e disseminação da cultura afro-brasileira como ferramenta de luta contra a opressão, a marginalização e o racismo. Formada pelos grupos Sol Nascente e Ginga Ativa, ela trabalha levando as técnicas, a força e a poesia da capoeira em competições mundo afora, mas também casa adentro, ensinando em oficinas e escolas pelo DF. Mestranda Benguela atua ainda como modelista de vestuário e professora de danças afro-brasileiras, tendo sempre como foco o reconhecimento da história dos antepassados africanos por meio da valorização da riqueza e diversidade da cultura negra.

Wagner Barja

Artista Plástico / Curador

Wagner Pacheco Barja é carioca, radicado em Brasília há mais de 30 anos. Artista plástico, educador e curador independente, Barja é mestre em Arte e Tecnologia das Imagens pela Universidade de Brasília (UnB) e notório saber em Teoria e História da Arte, Plástica e Arte-Educação, pelo Conselho Superior de Educação/ME. Suas obras fazem parte das principais coleções privadas e acervos institucionais no Brasil e no exterior. Foi curador do Museu de Arte de Brasília (MAB) e diretor do Museu Nacional de Brasília.

Vladimir Carvalho

Cineasta

Paraibano radicado em Brasília desde 1970, Vladimir trem sua trajetória confundida com a cena cultura da capital. Foi aqui na cidade que realizou os principais filmes da carreira e mantém uma intensa relação afetiva com o lugar desde a exibição do curta, A Bolandeira, no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em 1969. Na década seguinte, além de filmes, dividia o tempo como professor na Universidade de Brasília (UnB), à frente do Núcleo de Produção de Documentários. Em 1971, seu longa "O País de São Saruê" foi retirado da mostra competitiva do FBCB pela censura da ditadura militar. Entre seus principais trabalhos estão "Conterrâneos Velhos de Guerra" (1991), "Barra 68 – Sem Perder a Ternura" (1968) e "Rock Brasília – Era de Ouro" (2011).

Zé do Pife

Músico e educador

Pernambucano de São José do Egito, Francisco Gonçalo da Silva, mais conhecido como Zé do Pife, é tocador e fabricante do pequeno instrumento de sopro que lhe dá alcunha há mais de 60 anos. Em 2007, criou o grupo Zé do Pife e as Juvelinas em Sobradinho, cidade para a qual migrou há três décadas. Dedica-se não apenas às apresentações populares ao lado do conjunto feminino de instrumentistas que o acompanha. Por onde passam, Zé do Pife e as Juvelinas realizam oficinas de arte popular e vendem e difundem a cultura do pífano de bambu produzidos artesanalmente.

CROQUIS DE NIEMEYER GANHAM EXPOSIÇÃO

Texto: Alexandre Freire
Edição: Sérgio Maggio (Ascom Secec)
Fotos:

O Espaço Oscar Niemeyer recebe, a partir desta sexta-feira (22.4), a exposição "O Mestre e o Aprendiz: Oscar Niemeyer e Gervásio Cardoso". São 14 desenhos à lápis sobre papel manteiga (entre originais e reproduções), estudos feitos por Niemeyer para a Praça dos Três Poderes. Esse material foi presenteado pelo arquiteto de Brasília ao então jovem desenhista que deixou Minas para seguir os passos do mestre.

O vínculo entre os dois, que trabalharam juntos por dez anos na Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap, estatal responsável pelo acompanhamento da obra), também será documentado por quadros artísticos do mineiro Gervásio Cardoso de Oliveira Filho sobre o trabalho de Niemeyer, documentos diversos, fotos e vídeos gravados pelo Arquivo Público do Distrito Federal.

"A mostra traz novos elementos do trabalho de Oscar Niemeyer ainda na fase de idealização da capital federal. A partir das memórias de Gervásio Cardoso, podemos ter uma perspectiva mais próxima tanto do processo criativo de Niemeyer, quanto de sua relação com aqueles que o ajudaram a construir Brasília", acrescenta o subsecretário do Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec), Aquiles Brayner.

PROCESSO CRIATIVO

O arquiteto mineiro Gervásio Cardoso se emociona com a exposição sobre o vínculo entre ele e Niemeyer. "Fico feliz e lisonjeado, pois representa o reconhecimento de meu trabalho no planejamento e na construção da nova capital. O evento enfocará em especial minha atuação como pioneiro e colaborador

de Niemeyer, mas também divulgará uma série de desenhos de minha autoria sobre a obra dele em Brasília. É minha homenagem ao grande mestre".

"Na mostra, a arquitetura é um meio para contar uma história muito importante: a da relação entre mestre e aprendiz. No caso de Oscar e Gervásio, essa história muitas vezes se confunde com a da construção da nova capital", emenda Felipe Ramón Rodríguez, que divide a curadoria com Aline Ferrari.

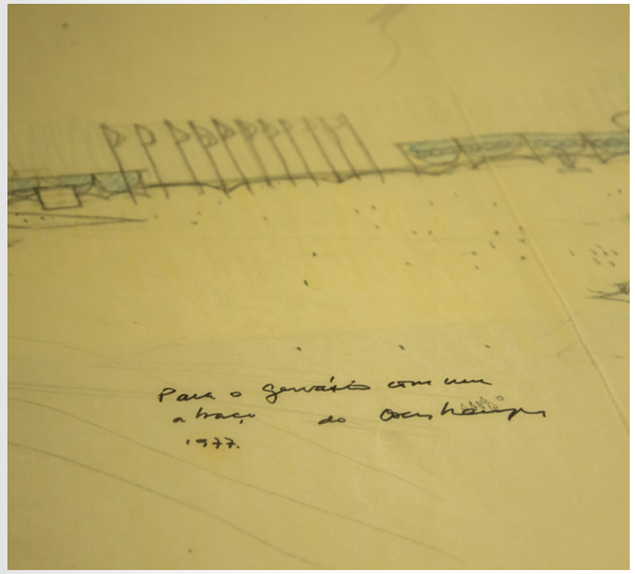
"O trabalho de Niemeyer, na concepção de seus projetos, era único e inovador. Uma arquitetura moderna, despojada e simples, com enormes vãos e balanços nunca antes vistos, os quais desafiavam a tecnologia e os padrões disponíveis à época", rememora Gervásio.

Segundo Gervásio, "com base em pequenos croquis iniciais, a ideia ia evoluindo para diversas soluções possíveis que, em determinado momento, eram consolidadas em forma de perspectivas". "Num segundo momento" – continua – "ele se aprofundava mais no estudo dos aspectos técnicos e funcionais até encontrar uma solução que compatibilizasse função e forma".

O traço de Niemeyer inspirou o aprendiz mineiro: "entendo ser natural sofrer uma influência positiva da obra do grande mestre. Isso pode ser constatado nos meus primeiros estudos na equipe da Novacap, na década de 1960, tais como os anteprojetos para o Centro de Rádio e Televisão e para a Casa de Detenção de Brasília. Com o passar do tempo, encontrei um estilo próprio para meus projetos".

Gervásio reconhece também que, "além dessa influência de ordem técnica, absorvi na minha convivência e observação diária das atitudes de Niemeyer, valores importantes para minha vida profissional, tais como generosidade, simplicidade e responsabilidade. Sou eternamente grato a ele pelo apoio prestado a mim no início e ao longo de minha vida profissional".

Entre as passagens e feitos mais importantes na sua trajetória profissional, Gervásio frequentou em 1970 estágio de um ano na Escola Nacional Superior de Belas Artes de Paris. Entre 1971 e 1972, foi o coordenador-geral do desenvolvimento do anteprojeto de Niemeyer para os edifícios do Anexo II do Senado e pelos projetos de arquitetura de interiores e paisagismo dos mesmos edifícios. Em 1973, foi membro da equipe da Novacap responsável pelas obras de acabamento do edifício do Ministério da Justiça, um projeto de Niemeyer.



A nossa missão é pôr a memória de Brasília em movimento. E essa exposição é uma joia dentro das comemorações do aniversário de 62 anos de Brasília",

Barrtolomeu Rodrigues, Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

MENINO DE MINAS

Gervásio nasceu em 1943 em Paineiras (MG), onde morou até 1952, quando se mudou para Patos de Minas. "Era a melhor cidade da região, para que pudéssemos estudar". A família de 15 filhos (um adotado) tinha fazenda, negócio que três irmãos abraçaram. Ele, contudo, gostava era de desenhar, influenciado pela irmã Therezinha, que tinha ateliê na cidade.

Alertado por uma professora de que Niemeyer – que detestava voar de avião – havia pernoitado em Patos a caminho de Brasília, decidiu ir atrás dele e, em janeiro de 1960, três meses antes da inauguração da capital, apoiado pela família, desembarcou na cidade em obras.

"Para minha surpresa, com apenas 17 anos de idade, Niemeyer me convidou para estagiar em sua equipe, na Novacap, e em agosto de 1960 fui contratado como desenhista", relata. No encontro com o arquiteto carioca, Gervásio lhe mostrou um retrato de Niemeyer que havia feito. "Bonito", disse, "mas aqui precisamos de desenho técnico".

O retrato Gervásio guarda até hoje e faz parte da exposição. Formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB) sete anos mais tarde.

PEDRA FUNDAMENTAL É RESTAURADA PELA CULTURA

Texto: Sérgio Maggio.
Edição: Sâmea Andrade
Fotos: Hugo Lira

Em formato de obelisco, a Pedra Fundamental de Brasília, localizada em Planaltina, foi restaurada e entregue oficialmente durante as comemorações do "Sorria Brasília" (projeto que comemora o aniversário de 62 anos da cidade", pelo secretário de Cultura e Economia Criativa, Bartolomeu Rodrigues, com a presença de autoridades do GDF, como o secretário de Turismo, William França, e representantes da comunidade de Planaltina, além do secretário-executivo da Secec, Carlos Alberto Jr, e do subsecretário de Patrimônio Cultural, Aquilles Brayner.

Prestes a complementar 100 anos em 7 de setembro, a Pedra Fundamental tinha sido vandalizada com tiros e estava com base desgastada. Em 30 de outubro de 2021 o monumento foi alvo de disparos de arma de fogo, atingindo a pedra e a placa de metal. Há relatos de que militares da Coluna Prestes teriam disparados contra o monumento em 1924. No entanto, não há comprovação histórica.
O secretário Bartolomeu aproveitou para anunciar a abertura de uma provável cápsula do tempo no próximo Dia da Independência.

"Talvez, aqui, tenham documentos históricos incríveis. Vamos formar uma comissão entre a Secretaria de Cultura e Economia Criativa e a comunidade de Planaltina para, em seguida, depositar novos materiais a serem lidos no futuro"

Barrtolomeu Rodrigues,
Secretário de Cultura e
Economia Criativa do DF

HISTÓRIAS DA PEDRA

O obelisco está localizada no Morro do Centenário a 1033 metros de altitude e 47°39′ de longitude, a exatamente 10 km de Planaltina, onde também se localiza a Igreja de São Sebastião, que tem aproximadamente 200 anos, contrastando com a idade real da localidade mais velha do Distrito Federal, Planaltina.
O obelisco tem forma piramidal de base quadrada com 3,75 m de altura, a contar das fundações. As suas faces estão orientadas pelos pontos cardeais. A placa comemorativa está situada na face oeste, na qual está escrito: "Sendo Presidente da República o Excelentíssimo Senhor Dr. Epitácio da Silva Pessoa, em cumprimento ao disposto no decreto n.° 4.494 de 18 de janeiro de 1922, foi aqui colocada em 7 de setembro de 1922 ao meio-dia, a Pedra Fundamental da Futura Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil".
O marco geodésico encontra-se a sete metros do monumento, a 10km de Planaltina e a 24km a NE da estação rodoviária de Brasília (em linha reta), em concreto, com chapa do IBGE cravada no topo, numa caixa com tampa móvel e de ferro fundido.
Na comemoração do centenário da Independência, em 7 de setembro de 1922, ao meio-dia, o presidente dos Estados Unidos do Brasil, Epitácio Pessoa, fez assentar a pedra fundamental da futura capital do país a 10 km de Planaltina. Baseada no sonho de Dom Bosco, a pedra fundamental caracterizaria o ponto central do Brasil, "entre os paralelos 15 e 20 graus.

A Festa

"SORRIA, BRASÍLIA" ABRE DOCE E POÉTICA

Texto e edição:
Sérgio Maggio.

Fotos:
Hugo Lira e Marina Gadelha (Ascom/Secec)

Colaboraram:
Alexandre Freire e Loane Bernardo

O dia 19 de abril de 2022 raiou com uma oração à Lua, entoada por Nívea Tupinambá, no chão sagrado do Memorial dos Povos Indígenas (MPI) e terminou ao som instrumental de 50 músicos da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro (OSTNCS) no Complexo Cultural Samambaia (CCS). Entre um e outro tempo, a poesia virou placa de identificação estilo superquadra, do tipo pare, olhe e voe com as palavras na Biblioteca Nacional de Brasília (BNB).

Essa costura cultural marcou a abertura do projeto "Sorria, Brasília", que, até o domingo (24.4), vai unir 17 equipamentos da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) numa espécie de malha artística delicadamente interligada por diversas linguagens. Tudo para comemorar os 62 anos da capital federal.

DIA DOS POVOS ORIGINÁRIOS

O olhar de respeito e de orgulho estava estampado no rosto de Nívea Tubinambá, que se vestiu para agradecer e pedir proteção aos povos originários do Brasil. Ela ocupou a arena externa de rituais para realizar a Oração da Lua. "Estou feliz em entoar esse cântico nesse espaço de representatividade de todos os povos originários do Brasil. Aqui, no Memorial dos Povos Indígenas, estão representadas todas as etnias, as línguas e as tradições".

Nívea fez sua prece-dança circundada por estudantes que vieram de ônibus de São Sebastião, visitantes e representantes do governo do Distrito Federal, a exemplo do secretário Bartolomeu Rodrigues. Depois, discursou sobre a importância de o 19 de abril deixar de ser denominado "Dia do Índio" e passar a ser chamado Dia dos Povos Originários Brasileiros, quebrando estigmas e estereótipos trazidos pela palavra "índio".

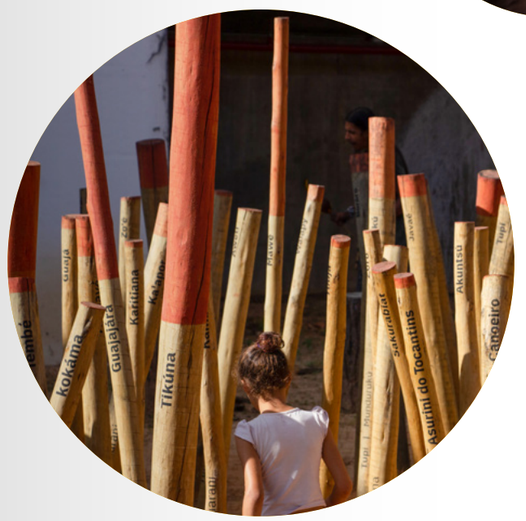
ATENÇÃO, POESIA À VISTA

As famosas placas de identificação de Brasília viraram suporte para versos na mostra "Poemas em Cartaz, localizada no segundo andar da Biblioteca Nacional de Brasília. Quem andava por entre elas, toda orgulhosa, era a poeta Nilva Souza, "Depois de um tempo pandêmico, a gente encontrar as nossas obras estampadas na Biblioteca Nacional é uma forma de dimensionar a importância da arte nesse momento. A arte foi quem salvou e a poesia entrou na casa das pessoas."

Nilva Souza conta que escolheu Brasília para criar seus filhos. A escritora goiana homenageou a cor dos ipês, barrigudas e dos jardins do paisagista Burle Marx. "Brasília é esse canteiro, florido e com o cerrado que a gente ama," destacou.

Com dois poemas expostos da mostra, Nara Fontes emocionou-se por estar nessa exposição. "Fazer parte dessa história e em um espaço tão emblemático é uma honra. Em meus poemas falo da importância da natureza e das árvores nas quadras de Brasília. Falo do fruto, do processo de crescimento, do tempo e da paisagem bucólica", afirmou.

Com curadoria de Newton Lima, a seleção poética é fruto de levantamento dos trabalhos que dialogam com a capital. "Acho que a pesquisa ficou interessante e com o jeito da cidade", Entre os selecionados, estava o premiado poeta Nicolas Behr.



SAMAMBAIA CLÁSSICA

Não teve poltrona para quem quis. O Complexo Cultural Samambaia lotou de gente para apreciar a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro, uma das mais importantes do país. Enquanto os músicos afinavam os instrumentos no palco, as 256 cadeiras lotaram. O complexo recebeu um público de cerca de 370 pessoas, parte das quais foi acomodada em cadeiras avulsas ou ficaram de pé. Quem gostou foi o pipoqueiro Vinicius Viana Souza, feliz por voltar para as portas dos teatros. Ele descobriu o evento no site da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, que sempre entra para mapear o que ocorre de bom na cidade. Trabalha como ambulante com a companheira, Vanessa. “Espero vender 50 saquinhos (cada um a R$ 5)”, comemorou. O carrinho de pipoca é sua principal atividade, que complementa transportando os funcionários de uma lanchonete em Águas Claras para casa no final do expediente.

Vanúbia Ribeiro, 42, moradora de Taguatinga, dirigiu 15 minutos para levar as filhas Anne, 14, e Hannah, 13, ao CCS. “Meu filho veio na semana passada e me alertou. Queria muito que minhas filhas conhecessem a Orquestra, que tivessem acesso a uma apresentação musical com essa qualidade”, declarou.

Entusiasmado com a recepção, o maestro Cláudio Cohen preparou um passeio entre o clássico e o popular. Executou a “Suíte de Star Wars”, em que John Williams, indicado para mais de 50 estatuetas do Oscar, explora temas musicais para os personagens do filme. O clássico foi representado pela “Sinfonia do Novo Mundo” de Antonín Dvořák.

“Boa noite, Samambaia! Esta é a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, equipamento da Secec. É pública, de vocês. É muito bom estar aqui”, agradeceu o maestro.

Quem seguiu feliz era Maria Dasdória de Freitas (Dorinha). Ela encabeçou a divulgação do evento junto com o Conselho Regional de Ensino e a Administração Regional de Samambaia. “Eu disse que ia lotar”, exultava a presidente do Conselho de Cultura da cidade.

"É emocionante testemunhar o poder da cultura de mobilizar pessoas e transformar mentes. Esse é um delicado presente que o GDF dá à população na volta aos espaços públicos”

Barrtolomeu Rodrigues,
Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

Fãs de primeira fila da Orquestra também compareceram. A assistente social Helen Alves acompanha a sinfônica há 20 anos. Quando viveu sua gravidez, não perdia os concertos. “Acredito que a música melhore o vínculo entre a mãe e o bebê”. Hoje, ela trabalha com mulheres gestantes sob custódia protetiva. Levou três gestantes para assistir ao concerto. “Não tenho como fazer isso quando se apresenta no Plano Piloto. Aqui não ia perder a oportunidade”.

"SORRIA, BRASÍLIA" FESTEJA A CAPITAL

Texto:
Carol Ribeiro
(Eixo Cultural),
Deborah Gouthier
(Eixo Cultural),
oane Bernardo (Cine),
Lúcio Flávio (MPI, MAB e
Concha) e Sérgio Maggio
(Catetinho e Gibiteca).

Fotos:
Caio Marins (MPI e Cine),
Renato Alves (Catetinho),
Hugo Lira (Catetinho),
Carol Lucena (Eixo Cultural),
Marina Gadelha
(MPI, MAB e Chocha) e
Nityama Macrini
(Eixo Cultural)

Redação e edição:
Guilherme Lobão
e Larissa Sarmento

Brasília amanheceu ensolarada e repleta de atividades culturais, que atravessaram o dia em comemoração ao seu aniversário de 62 anos, nesta quinta (21), dentro da programação do projeto "Sorria, Brasília", realizado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec). Os equipamentos culturais do DF receberam um público de mais de 10 mil pessoas nos eventos e iniciativas que representaram toda a diversidade de linguagem das expressões artísticas da cultura local.

O destaque ficou para a reabertura de dois desses espaços que estavam fechados para reforma: O Museu do Catetinho e a Gibiteca TT Catalão, no Espaço Cultural Renato Russo. Com piquenique no gramado, homenagens no Catetinho, contação de histórias, feiras, shows, concerto da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro, teatro, balé e exibição de filmes, a programação colocou um sorriso no rosto dos brasilienses, que aproveitaram o feriado com as muitas opções culturais.

"Este é o aniversário do renascimento, da volta à vida presencial, da festa e nada melhor que celebrá-lo com todos os equipamentos culturais de portas abertas"

Barrtolomeu Rodrigues,
Secretário de Cultura e Economia
Criativa do DF

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília

REABERTURA DO CATETINHO

Completamente reformado, o Museu do Catetinho amanheceu pronto para receber o público para visitação depois de dois anos fechado. Ao som do Quarteto de Cordas da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, o "Palácio de Tábuas" reabriu as portas para homenagear personalidades da cultura da cidade.

Na ocasião, 30 pessoas e organizações engajadas na cultura do DF receberam a Medalha do Mérito Distrital da Cultura Seu Teodoro pela contribuição ao fortalecimento identitário e difusão da arte e da cultura local.

Estiveram presentes, o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha; o vice-governador, Paco Britto; e a primeira-dama, Mayara Noronha; que foram recebidos pelo secretário de Cultura e Economia Criativa, Bartolomeu Rodrigues. O secretário fez um emocionado discurso. "Esse lugar respira memórias. O Catetinho evoca memórias daqueles que o visitam. Aqui, é um desafio da epopeia de construção que ainda está de pé".

O governador falou do sonho de recuperar o espaço, fechado desde o início da pandemia. "A ideia da construção de Brasília é a ideia de superação. Aos 62 anos, seguimos nesse renascimento. Brasília nasce novamente para o Brasil neste 21 de abril".

FERIADO AO AR LIVRE

A programação do "Sorria, Brasília" no feirado teve seu ponto mais alto nas atividades do Eixo Cultural Ibero-americano, onde reuniu um público de 6 mil pessoas. Pela manhã, teve diversão para as crianças, com contadores de história, fabulistas, artistas e performers com um toque de inclusão. Além de uma feira colaborativa, o gramado do Eixo Monumental também recebeu a banda de samba Coisa Nossa, o espetáculo "Ballet Dança by Juan Carlos Veja", do Grupo Bailarinos de Brasília, e concerto da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro.

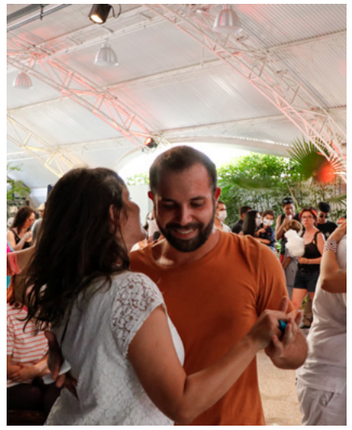
Contadora de histórias, Adma Oliveira apresentou às crianças um conto adaptado sobre as seis décadas da capital. Por ser portadora de necessidades especiais, ela faz um trabalho com narrativas inclusivas, mas é com o público que ela também acaba aprendendo muito. "Ao contar histórias para as crianças, eu gravo, memorizo e dou vida para os personagens", destaca a fabulista, como gosta de ser chamada.

Quando viu o convite pelas redes sociais da Secretaria de Cultura sobre a programação do Eixo Cultural, a manicure Erika Carolina, 28, levou a família toda, sobrinhos, primos e os avós para crutir um feriado ao ar livre. "Espaços abertos e com atrações para toda a família são a melhor forma de comemorar neste feriado", disse a brasiliense.

No final da tarde, no gramado, o Eixo Cultural recebeu o show da brasiliense de reconhecimento nacional Ellen Oléria. A cantora e compositora abrilhantou a celebração com sua voz potente e a força dos ritmos brasileiros. "Parabéns, Brasília, jovem senhora, por esse povo lindo que é teu!", comemorou.

Wanessa de Castro, professora e servidora pública, foi com a família prestigiar a prata da casa. Animados e cantando junto com Ellen, disse que acompanha a artista há muitos anos e, hoje, tiveram a oportunidade de revê-la depois da pandemia. "Estamos todos precisando de momentos assim: de sentir o amor, ver uma artista que nos traz tanta empatia", destacou.

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília



GIBITECA EM AÇÃO

A Gibiteca TT Catalão abriu as portas completamente renovada, depois de 9 anos fechada. Com investimento de R$80 mil e 23 mil itens no catálogo ressurgiu como umas das maiores do país, exibindo estantes inteiras para heróis como Batman, Superman e Mulher-Maravilha. Uma das mais cobiçadas é da coleção X-men e Novos Titãs.

Uma das preciosidades da Gibiteca, é o espaço infantil, com forte presença de A Turma da Mônica e a galera de Patópolis. Marmenha Rosário, gerente do espaço, que comandou a reabertura, se emocionou ao falar

do poder da Gibiteca. “É uma viagem fantástica pelo mundo da fantasia e da pesquisa”.

Os quadrinistas Duarte e Jô Oliveira apareceram com um exemplar raro de “Risco”, primeiro HQ do DF, de 1979. Doaram para a Gibiteca e prometeram voltar a frequentar o espaço.

Enquanto as portas não se abriam, a banda Marefreboi transformou o Espaço Renato Russo numa pista de dança. Rolaram dos frevos de Pernambuco a clássicos como a Feira de Mangaio.

Maíra Oliveira, atriz e diretora, deu boas vindas ao público e saudou a memória de TT Catalão, que deu nome ao grupo de teatro que integra, fundado por seu pai Ary Pára-raios: O Esquadrão da Vida. Aproveitou a ocasião para também homenagear o diretor teatral Hugo Rodas, que faleceu recentemente.

Também esteve presente na cerimônia de abertura do espaço Nanan Catalão, filha de TT Catalão. Ela relembrou o tempo em que TT comandava o Espaço Cultural Renato Russo. “Aqui, sempre foi um território de cultura, de grande intensidade”, disse.

POVOS ORIGINÁRIOS

Um encontro de tribos no coração do Planalto Central. Assim vem sendo as festividades em comemoração ao Dia do Índio e aos 62 anos de Brasília no Memorial dos Povos Indígenas (MPI).

Além das exposições, a novidade este ano é a Feira dos Produtos Indígenas com artefatos de tribos de várias partes do país, além de comidas típicas como a lua de milho e o vinagre de frutas vermelhas.

Descendente da etnia Apinajé, oriunda do Tocantins, a artista Natasha Barros Cardoso, 35, apresentou o ritmo do catimbó e o ritmo do boi-bumbá com o grupo Impacto da Amazônia. Ela acha importante compartilhar sua cultura milenar com os visitantes. "Não nasci na minha aldeia. Sou enraizada, mas aprendi desde cedo a valorizar nossa cultura", destaca. "Fico feliz quando as pessoas ficam interessadas na nossa cultura", festeja.

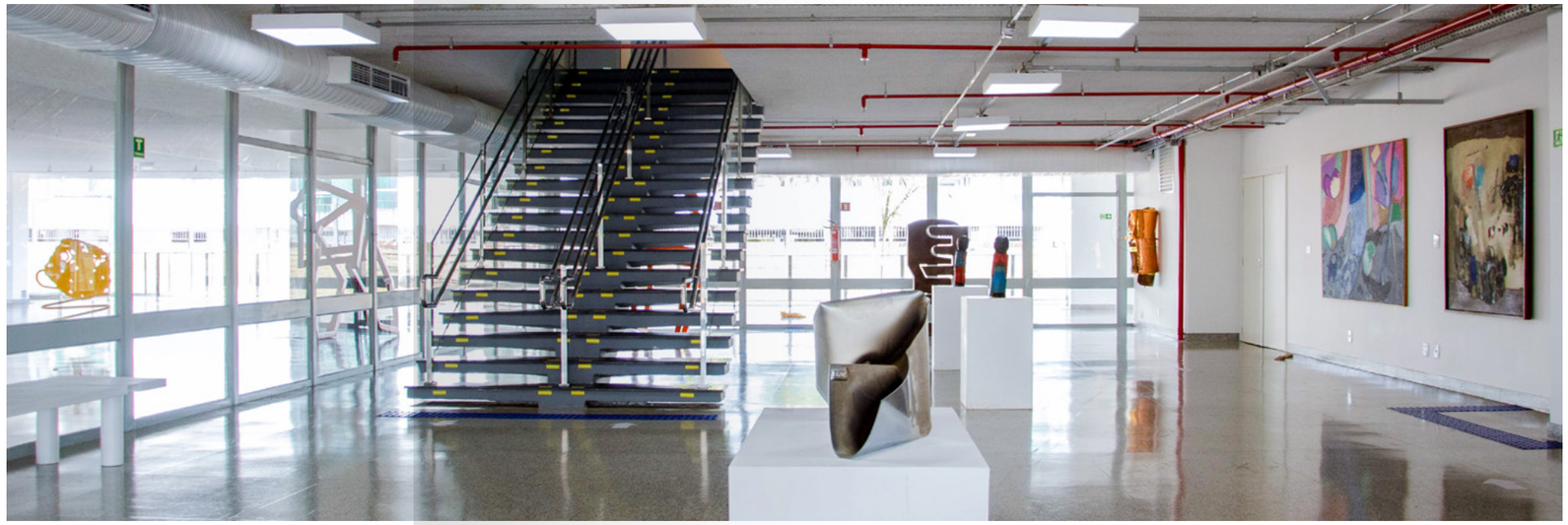
Entusiasta da cultura indígena, a fotógrafa e servidora pública Isabela Teresa Basílio, 45, tirou o dia para visitar a feira indígena montada ao lado do Memorial Dos Povos Indígenas. "Adoro essas coisas ligadas à natureza", revela. "O artesanato indígena é muito bonito, é uma cultura muito rica que precisa ser valorizada, por isso fiz questão de vir", diz.

JOIA DA ARQUITETURA

Sediado às margens do Lago Paranoá, com uma vista belíssima e uma arquitetura exuberante, o Museu de Arte de Brasília (MAB) celebra um ano de reabertura e os 62 anos da cidade como parte da programação do Sorria, Brasília.

Além das exposições permanentes, dentro e fora do espaço, e de mostras provisórias, como uma organizada pela Embaixada da China – Atrás da Grande Muralha – o público este ano pode conferir, até domingo (24/4), a Feira Colaborativa de Artes e Gastronomia no espaço. "Muito legal essa ideia de unir o museu aos trabalhos de artesanato. Somando linguagens fica mais atrativo pra público ver", observa a professora aposentada e artesã, Ana Cláudia Silva, 52 anos. "É a primeira vez que participo da feira, está tudo muito bonito e organizado", destaca.

Estudante de ciências contábeis na Universidade de Brasília (UnB), Késcia Katarina, 23, ficou encantada com o que viu no MAB. "A gente estava visitando os espaços culturais e cívicos da cidade e acabou parando aqui", revela. "Não conhecia o espaço, muito bonito e interativo, vamos voltar mais vezes", observa a jovem, que foi acompanhada da família.



ROCK NA CONCHA

Um dos primeiros palcos da capital, inaugurado oficialmente em 1969, a Concha Acústica recebeu, nesta quinta-feira (21), o guitarrista dos Raimundos, Digão, que embalou a festa dos 62 anos de Brasília no local.

“Brasília é minha terra. Amo essa cidade. Esse céu e a Concha me representam”, comentou o cantor, antes da apresentação. “É uma honra ter sido chamado para esse show do aniversário de 62 anos dessa cidade que me faz sonhar até hoje”, disse, animadíssimo.

Fã da banda de carteirinha, o gaúcho Rodrigo Bauer, 44 anos, não esconde a emoção de assistir ao show do ídolo de adolescência. “É uma oportunidade bacana, o primeiro show de rock que vi na vida foi dos Raimundos, em 1994”, revela o jornalista. “Poder rever o Digão com a minha família, em Brasília, uma cidade que aprendi a amar, é emocionante”, conta.

A dupla de amigos, Bernardo Lamas e Arthur Arruda, ambos 23 anos, souberam da apresentação pelas redes sociais. Não

pensaram duas vezes. “A gente estava de bobeira mesmo e como somos muito fãs da banda resolvemos marcar presença”, entrega o analista de sistemas Arthur. “Sou muito fã dos Raimundos, ouço o tempo todo desde pequeno, é uma emoção e alegria estar aqui hoje, somos calangos do cerrado, nostalgia total”, confessa Arthur Arruda.

Sucessos do rei do reggae Bob Marley e de bandas como Charlie Brown Jr., Paralamas do Sucesso, Alice in Chains e Red Hot Chili Peppers não foram esquecidos. Mas os fãs queriam ouvir mesmo eram os hits dos Raimundos, causando histeria na plateia.

RIA, BRASÍLIA

A Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo foi a atração do Cine Brasília na noite de celebração dos 62 anos de Brasília. Nessa ocasião, os comediantes também comemoraram os 27 anos da trupe. “O nosso público foi aumentando ao longo do tempo por conta do boca a boca”, ressaltou Jovane Nunes, um dos atores do grupo.

Em cena, o grupo misturou trechos de peças consagradas com esquetes inéditos. Após longo período de restrições por conta da pandemia, a plateia chegou empolgada e fez fila ao redor do Cine. Com a sala de cinema lotada e tomada pelo cheiro de pipoca, a peça começou.

Diante dos olhos atentos e animados do público, a gargalhada voltou a dar o tom das noites de arte e cultura no Cine Brasília. A estudante Ana Beatriz Sena, 23 anos, estava animada para assistir o show de comédia. “Achei a iniciativa uma grande oportunidade para comemorar o aniversário da cidade. Desde criança acompanho o sucesso dos Melhores do Mundo e estar aqui hoje é uma grande alegria”.

Morador da quadra do Cine desde que nasceu, o servidor público Hélio Martins, de 49 anos, conta que seu lugar preferido é o Cine Brasília. Frequentador assíduo, ele acompanha o grupo de comédia desde o início de sua trajetória. “O Cine e os Melhores do Mundo é unir o útil ao agradável. Esse lugar faz parte da minha história”, destacou.

SINFONIA BRASILIENSE

A Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, também fez um espetáculo para presentear a cidade em concerto no Eixo Cultural Ibero-americano. No repertório, sob a batuta do maestro Cláudio Cohen, a orquestra executou números que encantam o público por onde passa, reunindo música clássica, trilhas de cinema, rock sinfônico e música brasileira. O concerto começou com "Aquarela do Brasil", caminhou por um pot-pourri da banda Queen e seguiu caminho com inesquecíveis músicas da sétima arte, fazendo vibrar o público de todas as idades que prestigiou o evento. E, claro, não podia ficar de fora uma homenagem ao clássico brasiliense "Eduardo e Mônica". "Celebrar os 62 anos de Brasília ao som da Orquestra Sinfônica transmite a riqueza do nosso patrimônio cultural. A Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional é um bem de toda a população", comemorou o secretário de Cultura e Economia Criativa, Bartolomeu Rodrigues.

ENCERRAMENTO

No encerramento das atividades, a noite do "Sorria, Brasília" levou ao Centro Cultural Três Poderes uma atividade alternativa. O Panteão da Pátria, que fica na Praça dos Três Poderes, também fez parte da comemoração do aniversário da cidade. Além da exposição permanente, o local recebeu o projeto "Brasília, Museu Aberto" com projeção mapeada de artes visuais de artistas, como Orlando Brito, exbindo fotografias históricas.

EIXO CULTURAL AGITA O "SORRIA, BRASÍLIA"

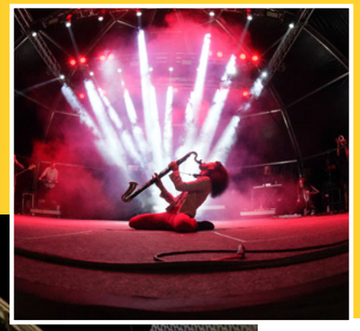
Texto: Déborah Gouthier (Eixo Cultural), Loane Bernardo (Espaço Oscar Niemeyer), Carol Ribeiro (Eixo Cultural), Lúcio Flávio (Cine e MPI)

Fotos: Nityama Macrini (Eixo Cultural), Caio Marins (MPI e Cine), Marina Gadelha (Espaço Oscar Niemeyer), Carol Lucena (Eixo Cultural)

Edição: Guilherme Lobão e Larissa Sarmento

No quarto dia de atividades, o projeto "Sorria, Brasília", da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, animou o público brasiliense de todas as idades. Com uma programação multicultural formada por muitas atividades gratuitas, a capital federal ganhou uma comemoração democrática, inclusiva e diversificada para os seus 62 anos de vida.

A sexta-feira (22/4) do "Sorria, Brasília" seguiu com mostra de cinema, exposição, feira e com o Festival de Orquestras Populares. Mas foi no Eixo Cultural Ibero-americano que a festa reuniu mais gente em torno da vasta programação do espaço, sendo o ponto culminante da festa com muitos shows. Porém, desde o período matutino, o Eixo Cultural embalou atividades lúdicas de teatro, contação de histórias e muitas brincadeiras ao ar livre voltado para o público infantil.



EIXO MUSICAL

Música instrumental com sotaque pernambucano. Esse foi o tom da noite de sexta no Eixo Cultural Ibero-americano. O primeiro dia do Festival de Orquestras Populares foi movimentado e contou com cerca de 2 mil pessoas, de acordo com a produção do evento. Passaram pelo palco, a Orquestra Popular do Recife, fundada pelo escritor Ariano Suassuna em 1975, e dirigida pelo compositor e maestro Ademir Araújo; e a Orquestra Popular Quadrafônica, que tem como proposta básica fazer a releitura de standards do jazz.

A Quadrafônica toca composições dos grandes nomes da música contemporânea e de temas de filmes clássicos, em versões que fundem a sonoridade de orquestra com batidas eletrônicas, o que resulta num ritmo diferenciado e dançante.

Para o analista de licitação Saulo Bezerra, presente ao show, o cojunto traz uma proposta diferente para popularizar a vertente instrumental: "Recomendo pra quem tem preconceitos sobre músicas sem vocais". Victoria Rossa, cosmetóloga, defende a democratização da música clássica. "Para mim tinha que ter mais eventos como esse, de fácil acesso a comunidade. Às vezes o público acha que não gosta porque não tem alcance", provoca.

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília

DIVERSÃO PARA A CRIANÇADA

No Eixo Cultural Ibero-americano, quem deu o tom e as cores da festa para a criançada no "Sorria, Brasília" foi a Cia. de Teatro Mapati, que divertiu crianças e adultos com circuito de acrobacias, pintura de rosto, balão, circo e bambolê. A trupe também apresentou o espetáculo "Os Saltimbancos" e contou a histórias como a da "Menina que Fazia Xixi".

Para a atriz e fundadora do grupo, Tereza Padilha, essa é uma oportunidade excelente para reconectar as crianças à arte popular. "Brasília inteira está tendo arte. É um projeto em que todas as portas de cultura estão abertas", comemorou.

O artesão Diego Silva levou a filha e os sobrinhos para aproveitar o dia no gramadão do Eixo. "É muito legal, muito melhor do que ficar em casa, no celular, eles estão aproveitando", destacou.

"Acho incrível esse impulso cultural que Brasília tem, de valorizar o artista local, ocupar os espaços da cidade, integrar o patrimônio com a arte", destacou a psicóloga Daniela Trigueiros, que foi ao Eixo com a filha de 7 anos. Nascida em Santos (SP), mas morando em Brasília há anos, ela destaca ser justamente a arte que a faz se sentir acolhida aqui. "É o que me mobiliza a amar essa cidade."

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília

FINE ART

As atividades no Eixo Cultural Ibero-americano seguem ao longo do fim de semana, com exposição, shows e a Feira Criativa. Para ver e refletir sobre o que constrói a singularidade da capital federal, o artista e designer brasiliense Pedro Garcia reuniu 21 impressões de fine art para retratar "O Mito de Brasília".

Em exposição na Galeria Fayga Ostrower, a mostra é o resultado de um trabalho que começou em 2020 e pretende apresentar o entendimento de Brasília como um lugar único. Pedro apresenta como isso reverbera na visão do mundo sobre a cidade, mas também internamente, a partir de como a própria cidade se percebe.

"Escolhi lugares que, para mim, significavam alguma coisa, tanto os monumentos como lugares mais corriqueiros, como os pontos de ônibus. Tem alguns cartões postais da cidade e alguns lugares que só os brasilienses conhecem", explicou o artista. Assim, as obras retratam de forma elegante e sintética os edifícios monumentais como o Palácio do Itamaraty e o Congresso Nacional, mas também as tesourinhas e corujas buraqueiras.

Quem também teve essa sensação foi a família de Sandro, que aproveitou o dia para passear e acabou, por acaso, conhecendo a exposição. "É diferente de tudo que a gente está acostumado, um ponto de vista diferente da cidade", relatou Sandro. Para o secretário de Cultura e Economia Criativa, Bartolomeu Rodrigues, que se diz fã de carteirinha de Pedro Garcia, é um desafio duplo fazer um trabalho artístico em cima de uma obra de arte já consagrada, como Brasília. "Demonstra uma sensibilidade grande e um olhar aguçado sobre o nosso patrimônio", explica.

Para conhecer mais da obra de Pedro Garcia, visite a exposição "O Mito de Brasília", aberta todos os dias, das 10h às 17h.

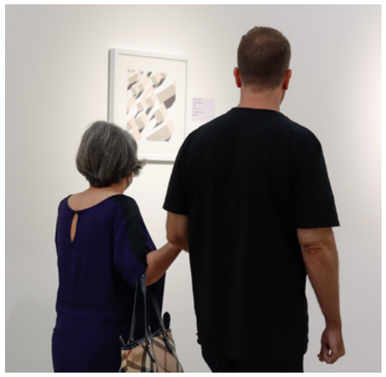
CINE EM FESTA

A casa do cinema em Brasília completa 62 anos de existência nesta sexta-feira (22). São mais de seis décadas de tradição audiovisual e uma ligação com a cidade que transcende os milhares de filmes exibidos em sua grandiosa telona. Para festejar o aniversário do Cine Brasília, uma mostra especial foi elaborada como parte do "Sorria, Brasília", com longas-metragens que foram, de alguma maneira, relevantes na história do espaço cultural projetado por Oscar Niemeyer. Uma das obras-primas da seleção foi a exibição do clássico "A Canoa Furou", filme de 1959 estrelado pelo comediante Jerry Lewis e a cuja estreia o presidente Juscelino Kubistchek chegou atrasado.

"Fazer uma mostra em homenagem ao Cine Brasília renderia vários recortes. Resolvemos olhar pelo lado histórico. Escolhemos filmes relevantes na história do espaço ou momentos marcantes vividos lá com esses filmes", conta a jornalista e atriz Carmem Moretzsohn, que divide a curadoria da mostra com a jornalista Gioconda Caputo. A "Maratona de Filmes" apresentou clássicos do cinema nacional como "Louco Por Cinema" (1994), "Bicho de Sete Cabeças" (2000), "Barra 68 – Sem Perder a Ternura" (2001) e "Tudo Bem" (1978). Este último, um filme do falecido cineasta Arnaldo Jabor, vencedor do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro naquele ano. Duas psicólogas prestigiaram a sessão das 12h com a família. Uma delas, Raíssa Völker, 47 anos, trouxe os dois filhos, um de 13 e outra de 7, para conhecer o espaço cultural simbólico da cidade. "Muito emocionante estar aqui e apresentar para os meus filhos um cinema que é o patrimônio da cidade", disse. "Vinha muito ao Cine Brasília na época de estudante da UnB, tanto pela qualidade dos filmes que passavam aqui, quanto pelos festivais, é qualidade dos filmes muito pela qualidade dos filmes nos festivais e na tanto na época dos festivais, quando a gente praticamente acampava aqui", recordou.

Recém-chegada da Amazônia, a psicóloga, Quézia Aguiar Simeão, 41 anos, visita o espaço pela primeira vez com a família. "Estamos conhecendo a cidade. Ouvi falar muito do Cine Brasília que, como os outros prédios da cidade, é muito bonito", elogiou. Pesquisadora e apaixonada pelo Cine Brasília, Berê Bahia não ia perder jamais a chance de ver o primeiro filme exibido no Cine Brasília em abril de 1961, única obra estrangeira na mostra. "É um momento simbólico, nesse espaço que é patrimônio da cidade", registrou.

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília



DIVERSIDADE INDÍGENA

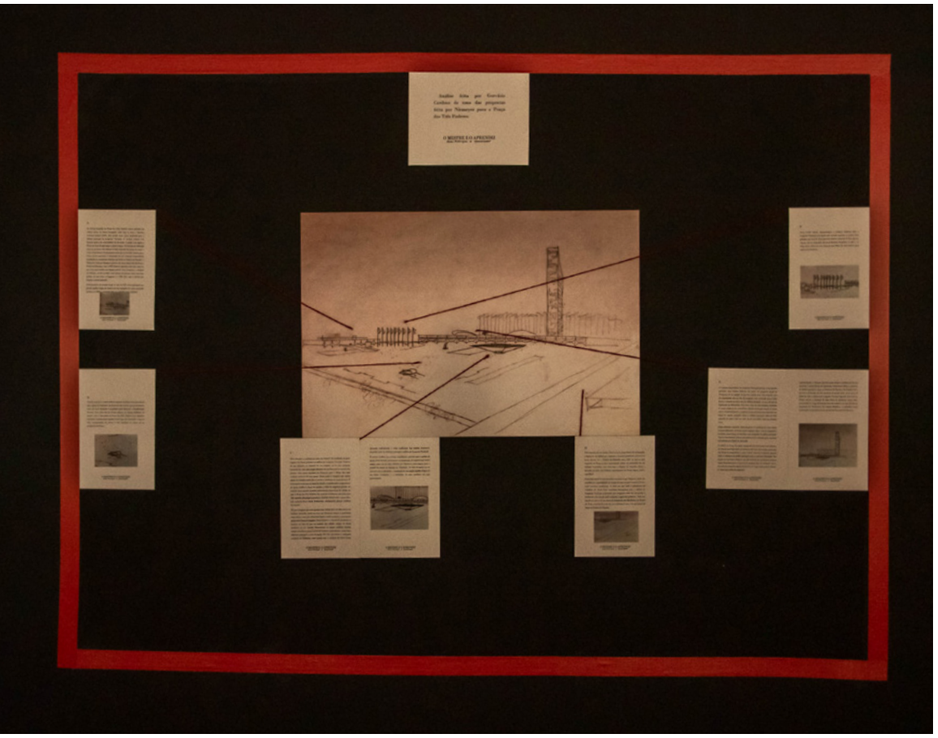
Brasilienses e turistas de várias partes do Brasil prestigiaram o Memorial dos Povos Indígenas na tarde desta sexta-feira (22), visitando tanto as exposições do espaço, quanto a feira de artesanato de várias aldeias do país montada ao lado, no gramado.

Só nos últimos dois dias quase 1,2 mil pessoas já visitaram o local, como o médico de São José do Rio Preto (SP), Francesco Caporrino, de 51 anos. Ele fez questão de trazer toda a família para conhecer Brasília. "Já conhecia a cidade quando participei de um seminário tempos atrás, achei interessante e quis que eles conhecessem", contou o urologista. "Esse memorial é um espaço muito interessante porque nos ajuda a entender a força da cultura indígena", destacou ainda o profissional da saúde.

Para o músico Erik Schanabel, 31 anos, é de suma relevância valorizar e criar, cada vez mais, espaços que enaltecem a cultura dos primeiros povos que habitaram o Brasil. Segundo ele, ajuda no fortalecimento da União entre as comunidades.

"É importante receber essa diversidade de etnias e riqueza cultural e histórica", avaliou. "O homem branco precisa se aproximar dessa sabedoria ancestral da floresta para buscar equilíbrio no futuro, onde todos possam viver em harmonia", ensina.

Entre as atrações, estava o grupo de danças e cantos sagrados da aldeia Fulni-ô, de Pernambuco, da qual Pajé Tomé, 58 anos, faz parte."Estamos felizes de participar desta festa bonita e poder mostrar a cultura e tradições do nosso povo, compartilhando nosso conhecimento para outras pessoas", enfatizou.



ARTE E HISTÓRIA

No âmbito das comemorações do aniversário de Brasília, o Espaço Oscar Niemeyer também integrou o projeto "Sorria, Brasília" com a abertura da exposição "O Mestre e o Aprendiz, Oscar Niemeyer e Gervásio Cardoso". São 14 desenhos a lápis sobre papel manteiga (entre originais e reproduções), estudos feitos por Niemeyer para a Praça dos Três Poderes. Esse material foi um presente do arquiteto de Brasília ao então jovem desenhista Gervásio Cardoso, estagiário de Niemeyer durante as construções da capital. Gervásio conta que cada croqui doado por Niemeyer representa uma emoção "impregnada". "É com muito prazer que venho mostrar o trabalho que fiz junto com Oscar Niemeyer. Todas as vezes que precisei de sua atenção, ele sempre me atendeu com boa vontade. Aqui temos desenhos preciosos. Uma oportunidade única!", enfatizou. O secretário Bartolomeu Rodrigues ressaltou o pioneirismo de profissionais como Gervásio e Niemeyer. "Brasília é uma cidade imbatível para se viver. É o melhor lugar do mundo! É incrível e emocionante a demonstração deste trabalho se transformar nessa cidade. Essa exposição é na verdade, uma espécie de aperitivo para algo muito maior. A população precisa ter acesso a essa documentação", celebrou o secretário. Pioneiro de Brasília, Leon Orovitz, 88 anos, conta que acompanhou todo o desenvolvimento da cidade e ficou encantado com os desenhos de Gervásio. "A nossa cidade fez 62 anos e registros raros de seu planejamento são fundamentais para o conhecimento da população", considerou. A servidora pública Ana Luíza de Medeiros conta que sempre acompanhou a trajetória do arquiteto. "Estar aqui hoje é demonstrar o carinho pela nossa cidade", ressaltou. "O Mestre e o Aprendiz" fica em cartaz de 22 de abril até 22 de maio. Horário de visitação: terça a sexta das 9h às 18h e sábados e domingos das 9 às 17h.

“SORRIA, BRASÍLIA” ACENDE A MEMÓRIA CULTURAL

Texto: Lúcio Flávio (MPI), Carol Ribeiro (MVMC) e Deborah Gouthier (CCP).

Fotos: Caio Marins (MPI), Carol Lucena (MVMC) e Nityama (CCP) (Ascom/Secec)

Redação e edição: Sérgio Maggio (Ascom/Secec)

Na quarta-feira (20.4), o projeto “Sorria, Brasília” pôs a memória em movimento para celebrar os 62 anos da cidade. A história dos candangos voltou a ser narrada no Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC) com a reabertura da mostra histórica “Poeira, Lona e Concreto”, que retornou ao espaço expositivo completamente higienizada e preservada. No Memorial dos Povos Indígenas (MPI), estudantes e visitantes ficaram diante do precioso acervo de dezenas de etnias e ainda tiveram uma aula sobre o verdadeiro papel dos povos originários na formação do Brasil. À noite, o Complexo Cultural de Planaltina (CCP) fez uma viagem no tempo sobre os 49 anos da Via Sacra ao Vivo, patrimônio imaterial do DF.

"A memória cultura é o bálsamo que movimenta a vida de uma nação. Colocar essas narrativas em jorro com o presente é uma missão do Estado"

Barrtolomeu Rodrigues, Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

FORÇA ORIGINÁRIA

Os 50 alunos de escola pública que visitavam o Memorial dos Povos Indígenas pareciam mergulhados numa história agora contada com mais representatividade. Para muitos, a experiência foi mágica, enriquecedora. Afinal, são mais de 12 mil anos de história num único espaço. “Aprendi muitas coisas sobre os índios que eu não sabia, gostando muito do passeio”, comentou a aluna do 4º da Escola Classe 01 do Guará, Valentina Tavares Matias, 9 anos, deslumbrada com fotos antigas que compõem a exposição permanente do Espaço.

Professora de humanas da turma, Rilza Cortez enfatizou a importância da experiência presencial. “Eles já estão aprendendo sobre cultura indígena na escola, sobre a miscigenação das três raças, mas vir pessoalmente ao museu e ter contato com todas essas artes, trazer a história para algo mais palpável ajudam a fixar o assunto com maior facilidade”, defende.

Membro do povo Guarani, Mirim Ju Ian, 31 anos, hipnotizou a garotada falando sobre a importância da Mãe Natureza. Aproveitou a ocasião para ensinar cantos e danças típicas da sua tribo. “Todo o solo brasileiro sempre foi bem respeitado pelos povos indígenas, respeitamos a terra como se fosse a nossa mãe”, disse o indígena, que estuda Geografia na UnB. “Escolhi esse curso justamente para aprender mais sobre a terra”, explicou.

CANDANGOS VIVOS

A exposição “Poeira Lona e Concreto” foi reaberta nesta quarta-feira, dia 20, no Museu Vivo da Memória Candanga. A mostra, que passava por um processo de restauração, retorna em clima de festa, já que faz parte da programação do Sorria Brasília – 62 anos. Entre fotos e objetos históricos do Museu, que no passado já foi o primeiro hospital da cidade, teve dança e discursos potentes. Para o Secretário de Cultura e Economia Criativa, Bartolomeu Rodrigues, a exposição é um registro fundamental para a história da cidade e destaca o carinho dos gestores para manter o espaço. “O que mais me comove aqui no Museu Vivo da Memória Candanga é a doação das pessoas para que isso esteja aqui de pé contando histórias”. Outro que se emocionou com as surpresas do que viu foi o servidor público Marcos Alves da Silva, 48, que já conhecia o Museu, mas não a exposição. “Achei a exposição de suma importância, estou surpreso por não conhecer e acho que é legal destacar que existe nas peças uma perspectiva bem feminina, pontua”.

PELA VIA SACRA

A abertura da exposição “Via Sacra Ao Vivo – Rumo aos 50 anos” foi uma festa aos olhos dos visitantes. Figurinos, objetos, recortes de jornal, cartazes e peças do cenário ajudam a contar a história dessa que é uma das maiores encenações à céu aberto do país, a Via Sacra Ao Vivo ou Via Sacra de Planaltina. Assim, contam também a história das pessoas que fazem essa verdadeira celebração artística e religiosa acontecer há 49 anos.

Mais de 70 pessoas prestigiaram o evento, relembrando e revivendo as emoções de cada ato encenado. Entre elas, estava Iohana Hanani, 32, que participa da Via Sacra desde os seis anos de idade. Na apresentação desse ano, ela teve a honra e o desafio de viver o papel de Maria Madalena. Cada detalhe da personagem foi estudado a fundo, incluindo o figurino, que integra a mostra. “Achei a exposição espetacular! É uma porta para a comunidade conhecer de perto e sentir o que a gente sente”, celebrou.

Quem também prestigiou o evento foi Mauro Lúcio, que viveu o próprio Jesus Cristo durante mais de vinte anos de Via Sacra. “Me sinto muito realizado, como se fosse uma sementinha que foi plantada naquela época e está frutificando agora. A Via Sacra faz parte da vida da gente e é emocionante ver tudo que aconteceu nesses anos todos.” Preto Rezende, coordenador-geral do Grupo Via Sacra Ao Vivo explicou que os preparativos para 2023 já começaram. “A gente começa aqui a fazer uma coisa grandiosa, já pensando em levar para o ano que vem, com a comemoração dos 50 anos da Via Sacra!” Já o subsecretário do Patrimônio Cultural da Secec, Aquiles Brayner, elogiou o trabalho que resultou na exposição, que, segundo ele, foi muito propícia para celebrar o aniversário de Brasília. “Para nós, é um momento muito gratificante ver Brasília sorrindo novamente”, afirmou.

A exposição fica em cartaz até 20 de maio, no Complexo Cultural de Planaltina, equipamento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec). Gerente do espaço e curador da exibição, Junior Ribeiro conta que “a Via Sacra não é mais só de Planaltina, mas um patrimônio imaterial de todo o Distrito Federal” e, por isso, a mostra tem tanta importância, permitindo que sua força transcenda a encenação.

“SORRIA, BRASÍLIA” DESCENTRALIZA A ARTE NO DF

Texto: Carol Ribeiro (Eixo Cultural), Déborah Gouthier (Eixo Cultural), Lúcio Flávio (Casa do Cantador), Ianca Gomes (BNB).

Fotos: Carol Lucena (Eixo Cultural), Hugo Lira (BNB), Nityama Macrini (Eixo Cultural), Caio Marins (Casa do Cantador).

Edição: Guilherme Lobão e Larissa Sarmento.

O “Sorria, Brasília”, projeto da Secretaria de Cultura e Economia Criativa para comemoração do aniversário da cidade, contemplou diversas regiões administrativas, em 17 equipamentos culturais da Secec, alinhado às políticas de descentralização e difusão da arte por todo o território do Distrito Federal.

Com atividades desde o dia 20 e até este domingo (24), o “Sorria, Brasília” iniciou a maratona cultural do aniversário no Complexo Cultural Samambaia, com concerto da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro. Depois passou pelo Complexo Cultural de Planaltina, pelo Museu Vivo da Memória Candanga e pelo Museu do Catetinho, além dos espaços culturais espalhados pelo Plano Piloto.

"Um aspecto fundamental nesse projeto de aniversário é a preocupação da Secretaria de democratizar o acesso cultural e descentralizar as atividades da festa, antes muito concentradas no Plano Piloto. Neste ano, ampliamos a malha de ações culturais com regiões administrativas como Ceilândia, Samambaia e Planaltina, onde a pasta tem equipamentos culturais importantíssimos para o DF”

Barrtolomeu Rodrigues, Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

DIVERSIDADE MUSICAL

A diversidade musical em primeiro plano. Essa é a proposta do Circularte, festival de música que embalou o público no palácio da cultura nordestina no DF, a Casa do Cantador, na noite de sábado (23), em Ceilândia, como parte do "Sorria, Brasília".

Entre as atrações, estava a banda Nordestinos Candangos, com levadas de forró e outros gêneros nordestinos, e o cantor e compositor Sérgio Pereira, com seu pop reggae. Ambos apresentaram seus trabalhos autorais. "A ideia é justamente esta: misturar ritmos, sons diferentes, a mesclagem da música", resume Pereira, que também é idealizador do Circularte.

Cerca de 70 pessoas prestigiaram o festival. Moradora da cidade, a secretária Dayane Oliveira Rangel, 23 anos, marcou presença no encontro com o namorado e amigos. "Iniciativas gratuitas como essa, além de serem divertidas, são educativas", avaliou.

Nome bastante conhecido no DF e nacionalmente, Marquim da Tropa elogiou a iniciativa da Secretaria de Cultura e Economia Criativa. "A cidade tem muitos artistas talentosos, é muito importante valorizar a galera local em eventos como esse", disse Marquim, que é integrante do grupo de rap Tropa de Elite e ator premiado por seus trabalhos em filmes do cineasta Ardiley Queirós.

Marquim estava acompanhado de seu colega de tropa, Ed Buggy, que subiu ao palco para fazer uma dobradinha com Sérgio Pereira, sendo bastante aplaudido pelo público ao final.

CONCERTO POPULAR

Palhaçaria de qualidade, com direito a cortejo na rua. Assim começou a manhã de sábado (23) do "Sorria, Brasília", na área externa do Eixo Cultural Ibero-americano. A apresentação circense foi realizada pela renomada dupla de palhaços brasilienses, os Irmãos Saúde, que asseguraram o sorriso no rosto de crianças e adultos.

A festa seguiu durante a noite, em grande estilo, ao som da Orquestra Popular Salve Glória, sob a condução da maestrina, arranjadora e flautista brasiliense Diana Mota. "Tem três anos que espero esse festival e a oportunidade de estar aqui entre orquestras tão maravilhosas quanto a minha", brincou a maestrina.

No repertório, a Salve Glória apresentou arranjos originais, com foco nos ritmos da cultura popular, como o frevo, o carimbó, o baião, o maracatu, a ciranda e o ijexá. O concerto faz parte do Festival de Orquestras Populares, que também integra o projeto em comemoração ao aniversário de 62 anos de Brasília.

As amigas Stella Cristina, autônoma, e Nádia Maria, professora, se programaram para curtir a noite de sábado e trouxeram até cadeiras de praia para assistir aos shows com tranquilidade. "As músicas me lembram de quando conheci Recife", declarou, saudosa, Stella. Maria Mendes é cuidadora de idosos e Paulo da Mota empresário. Eles aproveitaram o feriado e o fim de semana para embarcam nas atividades do "Sorria, Brasília", às quais compareceram por dois dias. E se disseram encantados. "Brasília tem uma cultura muito diversificada. Estávamos com saudade de viver isso", comemorou Paulo.

Quem fechou a noite foi a Orquestra Popular Rockfônica, que apresentou clássicos do rock mundial com arranjos musicais de frevo. O público curtiu sucessos de bandas como Beatles, Nirvana e Titãs em ritmo carnavalesco pernambucano. "É muito legal ver as músicas, os clássicos do rock que a gente conhece, mas com outra cara, o ritmo do frevo. É uma oportunidade da gente sair, com todos os cuidados, com segurança, e desfrutar de uma opção de lazer", destacou o servidor público Bruno Carneiro, que foi com a família assistir a noite de concertos.

O músico Sombrio da Silva se apresentou ontem com a Orquestra Popular Quadrafônica e retornou hoje para conhecer os outros trabalhos. "Em Brasília não temos tanto esse hábito, então quando a gente ouve a palavra orquestra, parece uma coisa distante, mas assistir uma orquestra popular traz pra gente essa outra ideia, de proximidade, do que realmente é", analisou.

Ao final da festa, a Orquestra Rockfônica se despediu de Brasília com um cortejo, espalhando frevo a alegria carnavalesca pelo Eixo Cultural Ibero-americano.

Sorria, Brasília • Aniversário de 62 anos de Brasília

DIA DO LIVRO

No Dia Mundial do Livro (23), o "Sorria, Brasília" concentrou atividades culturais também na Biblioteca Nacional. A efeméride serviu como pano de fundo para a inauguração da obra "Cata Tesouro", grafite de Hugo Barros, que integra o projeto Livro de Rua. "O Livro de Rua é um projeto que nasceu para incentivar e democratizar a leitura infantil. Um livro em uma parede chama muita atenção, causa impacto e gera um impulso de incentivo para a leitura", Hugo Barros, autor do projeto. "O Livro de Rua nasceu para incentivar e democratizar a leitura infantil. Um livro em uma parede chama muita atenção, causa impacto e gera um impulso de incentivo para a leitura", justifica. Cerca de 30 pessoas acompanharam a inauguração pelos corredores da Biblioteca. A criançada presente se divertiu na Biblioteca Nacional, onde se encantaram com a narrativa do

grafite. Depois, no espaço infantil, acompanharam com atenção a história dos monumentos de Brasília, contada pela Tia Amanda, do projeto Mala do Livro. Angélica Brasil, arquiteta, 43 anos, ficou sabendo da contação de histórias por meio da Mala do Livro e levou sua filha Rute, de 7, para conferir de perto a inauguração do Livro de Rua. "A importância da leitura é que o conhecimento não se rouba, posso pegar qualquer coisa sua, mas aquilo que ficou dentro de você. O conhecimento que o livro te trouxe nunca vai sair. É isso que transmito para a minha filha" compartilha. A programação de sábado do "Sorria, Brasília" ainda incluiu atividades no Memorial dos Povos Indígenas, com feira étnica, exposição e shows de Kumuu Dan Wapichana, Heloísa Cruz de Araújo, Nívia Costa e Kessia Daline; e na Concha Acústica, com a mostra de filmes do Cinema na Concha, exibindo "Trolls' (2016) e "Saída de Mestre" (2003).

“SORRIA, BRASÍLIA” REÚNE 30 MIL PESSOAS

Texto: Déborah Gouthier (Eixo Cultural) e Lúcio Flávio (MPI, MAB, MUN e Concha)

Fotos: Caio Marins (MPI, MAB, MUN e Concha), Carol Lucena (Eixo Cultural) e Nityama Macrini (Eixo Cultural)

Edição: Guilherme Lobão e Larissa Sarmento

“O “Sorria, Brasília” promoveu não só a festa do reencontro, do abraço, da felicidade e de se estar ao ar livre. Foi também foi uma experiência de conhecimento sensível: a arte cumprindo o seu papel de transformar pessoas e criar mundos”,

Barrtolomeu Rodrigues, Secretário de Cultura e Economia Criativa do DF

Danças indígenas, exposições, museus, apresentações teatrais, orquestras, balé, feiras, shows de frevo e de rock, concertos instrumentais e clássicos do cinema. O "Sorria, Brasília" proporcionou cinco dias de muita cultura, diversão e arte para os brasilienses de todas as idades e de diversas regiões administrativas da cidade. Brasília comemorou seus 62 anos com uma programação extensa, em 17 equipamentos culturais da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, reunindo um público geral de 30 mil pessoas. O encerramento das festividades aconteceu no domingo (24) com danças e canções sagradas no Museu dos Povos Indígenas, Festival de Orquestras Populares no Eixo-Ibero-americano, exposição no Museu Nacional da República, mostra de filmes na Concha Acústica e chorinho no Museu de Arte de Brasília (MAB).

CULTURA POPULAR

Parte do patrimônio cultural imaterial do Brasil se reuniu na noite deste domingo, (24), no Eixo Cultural Ibero-americano. Com frevo, caboclinho, bumba-meu-boi, maracatu, forró, ciranda e muitas outras formas de expressões tradicionais da cultura popular e do rock'n'roll, o público de Brasília caiu na dança no encerramento do projeto"Sorria, Brasília". Quem abriu a festa no gramado foi a conhecida banda brasiliense Terminal Zero. Acumulando 27 anos de estrada e centenas de shows na capital, o vocalista Cláudio Lucca brinca: "Eu só não toquei para o Juscelino Kubitschek. Fora isso, já tocamos pra todo mundo dessa cidade".

Nesta noite de encerramento também se apresentaram a Orquestra Popular Marafrebroi e a Orquestra Alada Trovão da Mata, parte da programação do Festival de Orquestras Populares.

O curador desta edição do festival foi o recifense Fabiano Medeiros, maestro da Orquestra Popular Marafrebroi. Ele formou o grupo ainda em 2008, reunindo em Brasília músicos de diversas partes do país. Destacando a diversidade das manifestações culturais e os artistas locais, ele dedicou a apresentação aos blocos de Brasília e seus realizadores, por manterem a força do

frevo e do Carnaval viva na cidade. Saudosa de uma pista de dança, a geógrafa Flora Barros levou seu barrigão de oito meses grávida para curtir o frevo. "A coisa que eu mais senti falta durante a pandemia foi de show, de sair pra dançar. E achei que não ia conseguir mais, por causa da gravidez", suspirou. "Mas deu tempo! E ainda trouxe minha sobrinha, que nunca tinha visto Carnaval. Ela está apaixonada, não quer nem ir embora", comemorou em meio ao cortejo da Marafreboi, que tocou até "Parabéns pra você" para Brasília. A Orquestra Alada Trovão da Mata fechou esse terceiro e último dia de folia com o som inesquecível das alfaias. Com a batida própria do samba pisado, criado aqui no DF, seus brincantes apresentaram uma experiência lúdica e musical, que ajudou a celebrar o Mito do Calango Voador, história escrita por Tico Magalhães para narrar o surgimento do mundo, do cerrado e, claro, de Brasília. Tiago Marques, servidor público, fez questão de vir ao Eixo Cultural Ibero-americano para apresentar a beleza da Orquestra para a amiga Cris Bayma, também servidora. Ela é maranhense, mas mora em Brasília há muitos anos e ficou encantada com a sonoridade do grupo. Para Tiago o mais importante é ver como a cultura gera pertencimento. "Não importa de onde você é nessa cidade, quando a gente assiste isso se sente abraçado, acolhido. Seja a orquestra sinfônica ou a orquestra popular, isso é nosso", celebrou. O resultado da apresentação da Orquestra Marafreboi foi um espetáculo de sonoridade singular, com a diversidade de gêneros que é a cara da cultura popular brasileira e também da aniversariante Brasília, formada por gente de todo lugar. Nos cinco dias de atividades, o Eixo Cultural Ibero-americano recebeu mais de 8,3 mil pessoas.

SABERES ANCESTRAIS

Foram quatro dias de intensa troca e interatividade com a cultura dos primeiros povos que habitaram o Brasil. Durante as festividades em comemoração ao Dia do Índio e dos 62 anos de Brasília, o Memorial dos Povos Indígenas (MPI) se transformou numa grande aldeia, concentrando saberes ancestrais, artesanato, comidas típicas, danças e canções sagradas milenares na feira colaborativa montada do lado de fora do espaço.

Na tarde deste domingo (24), a apresentação foi internacional. Diretamente da região mexicana de Tlaxcalteca, o artista maia Nahuall Biophillick, 33 anos, encantou visitantes com o hipnotizante ritual xamânico "Da roda animal do poder".

Segundo a tradição de seu povo, cada ser humano nasce com um animal como anjo da guarda, recebendo dele, força, espiritualidade e sabedorias da natureza.

"Dos pés de vocês saem enorme força de luz, deixa sentir a força da terra, da mãe natureza, desse animal de poder", disse o artista, em transe. "É preciso sentir o espírito, as vibrações que emanam desses animais", continuou o indígena mexicano, há cinco anos vivendo no DF.

Quase 2 mil pessoas passaram pelas exposições do Memorial Dos Povos Indígenas desde o dia 19 de abril, durante as atividades do "Sorria, Brasília".

VISITA AO MUSEU

Composta por acervo inédito de fotografia, a exposição "Xingu 57: Viagem ao Brasil Central" é um dos destaques do Museu Nacional da República. A mostra reúne registros do cientista Dimiciano Pereira de Souza Dias, que desceu os rios Xingu e Liberdade, acessando o coração da região onde hoje se localiza o Parque Indígena do Xingu, em 1957.

Os visitantes puderam conferir mais de 100 imagens e objetos indígenas expostos no local. O casal do Riacho Fundo, Kelly Gonçalves, 26 anos, e Alan dos Santos, 30 anos, aproveitaram o feriado para visitar o espaço pela primeira vez. Se animaram com o que viram. "Bem interessante o lugar e as exposições, como essa dos índios, que traz um aspecto de vida bem diferente da gente", observou a cabeleireira. "Vamos voltar mais vezes", afirmou o consultor de vendas.

Além da exposição indígena, o público pode conferir no lugar a mostra "Envenenada: Profanações e Polimorfismo Tonais", da artista Raquel Nava.

Durante a programação do aniversário de Brasília cerca de 4.200 pessoas estiveram no local. O Museu Nacional da República recebeu nesses cinco dias do projeto "Sorria, Brasília" um total de 5.294 visitantes.

CHORINHO NO MAB

Chorinho, artesanato, comida, além, claro, exposições nacionais e internacionais. Foi o que os visitantes do Museu de Arte de Brasília, o MAB, um dos espaços culturais mais queridos da capital, puderam conferir na tarde deste domingo (24). Cerca de 500 pessoas passaram pelo local desde o início das festividades em comemoração aos 62 anos de Brasília.

Foi o caso da psicóloga, Luíza Alencastro, 28 anos, encantada com a mostra chinesa, "Atrás da Grande Muralha". "Muito feliz com a reabertura do MAB, que é uma gracinha de lugar, muito agradável de vir", comentou. "Belíssima essa exposição chinesa, espero que esse espaço nunca mais feche", vaticinou.

A exposição sobre a cultura da China, que mostra diferentes maneiras pelas quais esses artistas utilizam elementos tradicionais como a caligrafia, fica aberta para visitação até o dia 22 de maio, com funcionamento em todos os dias, exceto terça, das 10h às 19h.

CINEMA AO AR LIVRE

Cinema de graça, ao ar livre. Isso foi o que os brasilienses que compareceram à Concha Acústica, neste domingo (24), puderam aproveitar. Dois filmes foram exibidos para fechar a programação do feriado. A animação, "Como Treinar um Dragão", que fez a festa da garotada presente no local e o clássico, "Cinema Paradiso", emocionante história de amizade entre um garoto e um projecionista, embalado pela tocante trilha de Ennio Moriconne. Para a enfermeira Amanda Rodrigues Tavares, 36 anos, que fez questão de levar a filha Nicolle, 9 anos, para assistir a animação, é uma experiência nova. "Estou feliz de trazer ela para ver seu filme preferido e, assim, ao livre. Sem falar que tem uma vista maravilhosa", acrescentou. Outras pessoas também se emocionaram com a experiência. "Já tem um tempinho que está rolando esse cinema aqui . Eu, pelo menos, venho sempre que posso. Gosto muito", disse o técnico em eletricidade, Edgar Neuton Fontenele Rocha, 52 anos. "Vi 'Cinema Paradiso' há muito tempo na televisão, rever aqui, nesse lugar bacana foi emocionante", observou.

FICHA TÉCNICA

Concepção do projeto
Bartolomeu Rodrigues

Coordenação geral
Carlos Alberto Jr

Coordenação de administração
Katiana Santiago

Coordenação de produção
Ângela Inácio

Coordenação equipamentos culturais
Aquiles Brayner

Coordenação de produção equipamentos culturais
Aldenise Melo

Coordenação geral Eixo Cultural Ibero-americano
Sol Montes

Coordenação atividades Cine Brasília
Érica Lewis

Coordenação financeira
Tiago Gonçalves

Coordenação administrativa
Rafael Rangel

Coordenação de Comunicação
Sérgio Maggio

Coordenação jurídica
Laís Valente

EQUIPAMENTOS

Biblioteca Nacional de Brasília
Mariana Greenhalgh

Casa do Cantador
Zé do Cerrado

Centro Cultural Três Poderes
Rafael Rangel

Cine Brasília
Douro Moura

Complexo Cultural de Planaltina
Júnior Ribeiro

Complexo Cultural Samambaia
Suellen Rodrigues

Concha Acústica
Marcelo Gonczarowska

Eixo Cultural Ibero-americano
Mariana Abreu

Espaço Cultural Renato Russo
Marmenha do Rosário

Espaço Oscar Niemeyer
Rafael Rangel

Memorial dos Povos Indígenas
David Terena

Museu de Arte de Brasília
Marcelo Gonczarowska

Museu do Catetinho
Artani Grangeiro

Museu Nacional da República
Sara Seilert

Museu Vivo da Memória Candanga
Eliane Falcão

EQUIPE COMUNICAÇÃO

Plano e direção de Comunicação
Sérgio Maggio

Coordenação e revisão
Sâmea Andrade

Coordenação de redes sociais
Loane Bernardo

Execução de cards e postagens
Ianca Gomes

Coordenação de fotografia e execução de identidade visual Sorria Brasília
Hugo Lira

Coordenação de vídeo
Marina Gadelha

Edição site
Guilherme Lobão
Larissa Sarmento

Redação
Alexandre Freire
Carol Ribeiro
Deborah Gouthier
Loane Bernardo
Lúcio Flávio
Sérgio Maggio

Diagramação de arte exposição Catetinho
Daniel Marques

Fotos e vídeos
Carol Lucena
Caio Marins
Hugo Lira
Marina Gadelha
Nityama Macrini

Diagramação do catálogo
Isaac Guimarães

EQUIPE EIXO CULTURAL IBERO-AMERICANO

Coordenação Geral
Sol Montes

Coordenação Executiva
Leandro Oliveira

Direção Geral
Mariana Abreu

Direção Executiva
Eduardo Oliveira

Produção Geral
Caio Lobato

Produção Executiva
Marilene Santos

Produção Técnica
Danilo Rebouças

Assessoria de Coordenação
Lucas Alves

Direção de Palco
Agda Freitas

Apresentação do Evento
Cacá Silva
Cintia Aquino
Kamila Nascimento
Eliane Santos

Assessoria
Pedro Vasconcelos
Rafael dos Santos
Willer Cantallops
Wilson Rodrigues

FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÕES CURADORIA

Espaço Oscar Niemeyer
Exposição:
"O mestre e o aprendiz:
Oscar Niemeyer e Gervásio Cardoso"
Curadoria
Aline Ferrari
Felipe Ramón

Museu do Catetinho
Exposição:
"Catetinho, a flama inspiradora"
Curadoria
Artani Grangeiro

Museu Vivo da Memória Candanga
Exposição:
"Poeira, Lona e Concreto"
Atualização da Curadoria
Fabiano Lago

Espaço Cultural Renato Russo
"Mostra Gibiteca TT Catalão"
Curadoria
Gersion de Castro

Complexo Cultural de Planaltina
Exposição:
"Grupo Via Sacra ao vivo -
Rumo aos 50 anos"
Curadoria
Júnior Ribeiro

Biblioteca Nacional de Brasília
Exposição:
"Poema em Cartaz"
Curadoria
José Newton

ORQUESTRA SINFÔNICA TEATRO NACIONAL CLAUDIO SANTORO

Maestro Titular
Cláudio Cohen

Diretor Administrativo
Fernando Ouriques

Gerente Técnico Operacional
Hernani Souza

Assistentes da Diretoria Administrativa da OSTNCS
Tereza Cristina
Sevília Ximenes
Luciano Antunes
Plínio Giovani

Arquivo
Simone Afonso

Equipe de montagem
Wilton Alves
José Nilson
Geremias Vieira
Lúcio Reis

Corpo Sinfônico
Spalla
Lilian Raiol

Primeiros Violinos
Marcos Bastos (Solista)
Zoltan Paulinyi
Carlos Eduardo Santos
Carolina Frederico
Igor Macarini
Luciana Arraes
Marcus Guedes
Ricardo Palmezano
Sarah Mateus
Thiago Cavalcanti

Segundos Violinos
Júlio Freitas Neto (Solista)
Luciano Piva (Concertino)
Regiane Lopes Cruzeiro
Antonio Bayma
Camilo Pereira
Daniel Cunha Rêgo
Drime Ribeiro
Egon Francisco de Mattos
Esther Chung
Silvana Piva
Victor Obando

Violas
Marcio da Costa (Solista)
Billy Geier (Concertino)
Cindy Folly
André Mendes
Antenor Júnior
Daniel Marques
Edson Araújo
Jairo Diniz
Mariana Gomes
Marie de Novion
Mario Romanini

Violoncelos
Francisco Orrú (Solista)
Augusto Guerra Vicente (Concertino)
Rodolpho Borges
Gidesmi Alves
Joaldo Barreto
Larissa de Mattos
Lucia Valeska
Norma Lilian Marques
Norma Parrot
Ocelo Mendonça
Sandra Vargas

Contrabaixos
Samuel Helmo (Solista)
Wilton Mesquita (Concertino)
Larissa Coutrim
Antoine Esfagno
Leonardo Duarte
Manoela Brito

Flautas
Mechthild Bier (Solista)
Ariadne Paixão
Luciana Morato

Oboés
José Medeiros (Solista)
Moisés Pena
Kleber Lopes

Clarinetes
Renata Menezes (Solista)
Paula Pires
Alexandre Areal
Marcos Cohen*

Fagotes
Sergey Kuushynchykau (Solista)
Flavio Lopes de Figueiredo
Gustavo Koberstein

Trompas
Ellyas Lucas (Solista)
Nathan Yohan
Fernando Morais
Joarez Oliveira

Trompete
Gedeão Lopes (Solista)
Moises de Araujo Alves
Enrique Sanchez
Jadiel Lima
Márcio Luiz da Silva

Trombone
Marcos Wander (Solista)
Ricardo Pacheco
Paulo Roberto da Silva
Wilson Tuboiti

Tímpano
Carlos Tort (Solista)

Percussão
Marcelo Riela (Solista)
Leonardo Sousa
Wagner Nascimento
Wellington Vidal

Harpa
Cristina Carvalho (Solista)

Tuba
Fábio Moraes (Solista)

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa

GDF
É tempo de ação.